

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

JOSÉ ROBERTO GONÇALVES DIAS

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA OS ESTUDOS DO MEIO

MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO: FORMAÇÃO DE
FORMADORES

SÃO PAULO
2015

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

JOSÉ ROBERTO GONÇALVES DIAS

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA OS ESTUDOS DO MEIO

MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO: FORMAÇÃO DE
FORMADORES

Trabalho Final apresentado à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial à obtenção do título de MESTRE PROFISSIONAL em Educação: Formação de Formadores, sob orientação da Profa. Dra. Alda Luiza Carlini.

SÃO PAULO

2015

Banca Examinadora:

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe Sara Gonçalves Dias (in memoriam), pela coragem em atravessar o oceano e tantas vezes desafiar o seu destino.

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Alda Luiza Carlini, pela imensa generosidade e dedicação com que guiou este trabalho e pela minha admiração por tirar algo de mim que eu não sabia que possuía. Obrigado pela motivação e direcionamento deste trabalho.

À Professora Doutora Marta Scarpato e à Professora Doutora Monica Fátima Valenzi Mendes pelas preciosas contribuições na elaboração deste trabalho.

Ao Renato e Ciça Botelho, fundadores da escola See-Saw Panamby, pela confiança e apoio depositados em mim e por fomentarem em seu trabalho ao longo de anos a busca pelo aprimoramento profissional e pela excelência.

Aos professores que trabalharam comigo ao longo destes anos e que foram parceiros na construção dos estudos do meio e guerreiros na luta por uma educação melhor.

Aos professores Celso Mello, no ensino médio, Roberto Ueda e Evandro Faustino, na formação continuada, que com seu exemplo de trabalho apaixonado despertaram em mim o amor pela literatura e pela educação.

EPÍGRAFE

Ao conhecer o mundo, o ser humano encontra a si próprio e, conhecendo a si próprio, o mundo se revela a ele.

Rudolf Steiner

DIAS, José Roberto Gonçalves. **A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA OS ESTUDOS DO MEIO**. Trabalho Final. Mestrado profissional em Educação: Formação de Formadores, PUCSP, 2015.

RESUMO

O estudo do meio é uma proposta científica de trabalho pedagógico que abrange um planejamento inicial, uma saída do ambiente de sala de aula, para exploração e registro, e uma avaliação dos resultados. Ele tem sido utilizado, ao longo da história da educação, como uma atividade de aprendizagem efetiva, tanto para alunos como para o desenvolvimento profissional de professores. No entanto, nem sempre fundamentado em princípios da aprendizagem e adequadamente orientado por seus proponentes, em função de características da realidade escolar. Diante disso, esta investigação tem por objetivo geral: elaborar uma proposta de formação para o professor do ensino fundamental 2 e médio, para atuar de forma qualificada em projetos de estudo do meio, considerando a necessidade de formação desse professor e os objetivos de aprendizagem dos alunos. E, por objetivos específicos: caracterizar estudos do meio; enumerar as possibilidades de aprendizagem dos alunos a serem realizadas no contexto dos estudos do meio; identificar as necessidades de formação do professor que trabalha com estudos do meio; e elaborar uma proposta de formação para professores sobre estudos do meio e aprendizagem dos alunos. A investigação, de natureza qualitativa, apoiou-se na revisão bibliográfica e na análise documental de experiências anteriores, que fundamentaram a elaboração de uma proposta de formação continuada para professores do ensino fundamental e médio, que valoriza a sua experiência pessoal como professores e o contexto educacional em que atuam, considerando as possibilidades pedagógicas oferecidas por este importante procedimento de ensino.

Palavras-chave: Estudo do meio; Interdisciplinaridade; Formação de professores; Ensino e aprendizagem; Educação ambiental.

DIAS, José Roberto Gonçalves. **A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA OS ESTUDOS DO MEIO.** Trabalho Final. Mestrado profissional em Educação: Formação de Formadores, PUCSP, 2015.

ABSTRACT

Environmental Studies are scientific proposals for pedagogical work which comprehend an initial planning, getting out of the classroom environment, exploration and evaluation of results. It has been used throughout the history of education as an effective learning activity, for students and for teachers' professional development. However, it is not always based on principles of learning and appropriately guided by its proponents, according to the school reality features. Therefore, this research has the objective: to prepare a proposal for training for elementary and high school teachers, to carry on in a qualified way Environmental studies projects, considering the teachers' formation needs and the students' learning objectives. We also aim to specific objectives: to characterize the environmental studies; list the students' learning possibilities to be performed in the context of environmental studies; identify teachers' needs to work on environmental studies; and draft a teachers' training course for environmental studies. This qualitative research is based on the literature review and documental analysis of previous experiences, which supported the preparation to a proposal for continuing education for elementary and high school teachers, which values their personal experience as teachers and the educational context in which they work, considering the pedagogical possibilities offered by this important teaching procedure.

Keywords: Environmental studies, Interdisciplinarity, Teacher training, Teaching and learning; Environmental education.

LISTA DE ABREVIATURAS

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

PPP - Projeto político pedagógico

SciELO - Scientific Electronic Library Online

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Relação das publicações analisadas 15

Quadro 2 - Propostas de estudos do meio para as séries/anos 26, 27 e 28

Quadro 3 - Síntese das atividades contidas na proposta de formação 50

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Reprodução das capas do material de estudo – antes e depois 30

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1	
ESTUDO DO MEIO – ASPECTOS HISTÓRICOS E PEDAGÓGICOS	
Introdução	19
1.1 Estudo do Meio – aspectos históricos	19
1.2 Estudo do Meio - aspectos teóricos	21
1.3 Estudo do Meio - uma história em construção	24
1.4 Estudo do Meio – preparar o professor	34
CAPÍTULO 2	
ESTUDO DO MEIO - CONDIÇÕES DE APRENDIZAGEM	
Introdução	37
2.1 Aprendizagem e Estudo do Meio	37
2.1.1 Aprendizagem e aprender	37
2.1.2 O estudo do meio	39
2.2 Atribuições do professor e do aluno no estudo do meio	42
CAPÍTULO 3	
METODOLOGIA DE PESQUISA E PROPOSTA DE FORMAÇÃO	
Introdução	45
3.1 Procedimentos da pesquisa	45
3.2 Proposta de formação continuada	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	
APÊNDICE	

INTRODUÇÃO

Um dos grandes desafios a ser enfrentado pelo formador tem sido direcionar os processos de formação no sentido de que obtenham a maior eficiência. Mas, quais são os rumos que uma formação deve tomar? Quais são os critérios e os conteúdos que ela deve contemplar?

É muito comum que o formador se utilize de sua experiência pessoal para direcionar e apoiar a formação dos professores de sua equipe, de seus formandos. Muitas vezes, esse procedimento, de algum modo, torna-se eficaz, mas até que ponto realmente pode ser eficiente? Observa-se que muitos formadores contentam-se com o fato de que poucos resultados podem ser melhores do que nenhum resultado.

Por outro lado, também tenho observado, em minha prática como coordenador pedagógico, a dificuldade dos professores para relacionar seus conhecimentos específicos, relativos à disciplina que ministram, com os conhecimentos provenientes de outras disciplinas, com os conhecimentos de seus formandos e mesmo com o mundo a sua volta.

Mas, nos dias atuais, com tanta informação disponível e em um mundo de mudanças tão rápidas, já não se concebe mais a realização de um trabalho pedagógico baseado na tentativa e erro; ou sem um planejamento sério, que inclua a visão de onde se quer chegar; ou sem levar em conta o contexto em que se realiza a formação dos professores e o provável cenário em que eles vão atuar em seu trabalho diário.

Por conta dessa realidade, esta pesquisa foi organizada no sentido de subsidiar a elaboração de uma proposta de formação para professores do ensino fundamental e médio, levando em conta a sua experiência pessoal como professores e o contexto educacional em que atuam, sobre o estudo do meio, considerando as possibilidades pedagógicas oferecidas por este procedimento de ensino.

Como ponto de partida deste processo de reflexão e de investigação, parece necessário afirmar que o estudo do meio é entendido como um procedimento de ensino, ou seja, um conjunto de ações intencionais com

finalidade educativa, realizado na forma de trabalho coletivo por professores e alunos. E que, segundo Carlini (2013), possibilita a vivência de experiências de aprendizagem nas quais,

[...] o aluno atinge objetivos conceituais (reorganiza conhecimentos diante da realidade), procedimentais (prepara e executa processos de investigação: visita, observação, entrevista) e atitudinais (respeita o fenômeno observado, valoriza seu trabalho e o de seus colegas, coopera) (CARLINI, 2013, p. 51).

Diante disso, para trabalhar com estudo do meio, o professor precisa ter conhecimentos na sua área de especialização, mas também precisa ser capaz de relacionar esse conhecimento com o mundo real e com os conhecimentos que são propostos para estudo pelas outras disciplinas da série/ano e do nível.

A minha experiência pessoal como coordenador, atuando em processos de seleção de profissionais, ao longo dos últimos anos, demonstrou o grau de dificuldade enfrentado pelas instituições de ensino para encontrar um profissional com essas qualidades. E, mais difícil ainda tem sido trabalhar na formação continuada desses professores. Diante disso é que me questiono se não é possível elaborar uma proposta de formação levando em conta as necessidades fundamentais dos estudantes e as do professor, considerando que ambos estão em um processo contínuo de formação, com o auxílio das possibilidades oferecidas pelo estudo do meio. Vale lembrar que o mundo real não está dividido em disciplinas: “*tudo tem a ver com tudo*” (ANAXÁGORAS)¹.

No entanto, também será preciso vencer os obstáculos muitas vezes interpostos pelos professores que, em função da inércia e do desinteresse, relutam em engajar-se em processos de formação continuada. E, nesse sentido, torna-se necessário responder a questões como: que critérios utilizar para incluir os professores nessa formação? Que conteúdos e atividades de ensino a formação deve contemplar? Formar para quê? Apesar desses questionamentos, parece possível elaborar um programa de formação de professores que reúna os conteúdos teóricos de que devem se apropriar e as atividades que devem realizar para seu contínuo aprimoramento profissional.

¹ **Anaxágoras** (Clazômenas, c. 500 a.C. – Lâmpsaco, 428 a.C. – ambos locais na Ásia Menor, atual Turquia) foi um biólogo, astrônomo, físico e matemático e filósofo pré-socrático grego.

Em meu trabalho, como coordenador pedagógico em uma escola bilíngue de São Paulo, ao longo dos últimos seis anos, implementei estudos do meio como atividade curricular e procurei envolver o corpo docente nessa prática, como um importante procedimento didático. Nesse período, houve e ainda há resistência de alguns professores em relação a essa atividade.

Atualmente, está em curso uma reformulação dessas propostas de estudos do meio. Os projetos já realizados, em princípio, não serão mais repetidos. A equipe escolar decidiu desencadear um processo de identificação das necessidades de aprendizagem dos alunos para, a partir delas, propor e realizar os novos estudos do meio. Também optou por envolver e dar prioridade aos alunos na elaboração dos projetos e no planejamento dos estudos do meio.

Embora as ideias de estudo do meio não sejam muito novas, no Brasil, somente nos últimos anos é que ele tem sido tratado com maior atenção (LOPES e PONTUSCHKA, 2009). Além disso, são raros os casos de escolas que realizam todo o processo do estudo do meio. Por questões relacionadas à falta de tempo e de pessoal para elaboração dos projetos, reduzida experiência no assunto, desconhecimento dos serviços de apoio necessários à realização das saídas e relativas à responsabilidade civil, a maioria das escolas terceiriza esses projetos, com a contratação de empresas especializadas. Porém essas empresas, em geral, privilegiam temas como a ecologia e a educação ambiental, nem sempre adequados ao projeto pedagógico da escola, em virtude da importância que eles vêm ganhando no contexto social e nas demandas do mercado.

Nos últimos anos, em função dessas solicitações, esse mercado terceirizado tem enfrentado um grande crescimento. No entanto, uma de suas dificuldades tem sido encontrar profissionais capacitados para trabalhar nessas empresas. Na maioria dos casos, são recrutados profissionais de educação, com formação nas áreas de ciências, história, entre outras, com conhecimento e disponibilidade para viajar com os alunos em diferentes dias da semana e em qualquer época do ano. Mas, essa disponibilidade não pode ser considerada como a única característica do perfil desse profissional.

O ideal seria contar com um profissional com formação em diversas áreas e grande experiência pedagógica, para que pudesse interligar os diferentes conhecimentos. Daí deriva uma nova dificuldade: quando o profissional adquire uma larga experiência, em geral, já se passaram muitos anos e ele já não tem tanta disposição e disponibilidade para viajar como em sua juventude. A atenção à família e o conforto passam a ser considerados como prioridades. Além de tornar-se escasso, esse profissional também é caro, o que compromete o crescimento do número de estudos do meio realizados pelas escolas. Em geral, é possível contar com um profissional que apresente uma dessas características. E então será necessário trabalhar para orientá-lo em relação às demais áreas do conhecimento. Nas escolas, essa orientação frequentemente é atribuição do coordenador pedagógico. Em alguns casos, fomenta-se a participação do professor em congressos, eventos e cursos rápidos, que abordem o tema.

No entanto, não há muita informação disponível sobre esses processos de formação, em particular, sobre como formar os professores do ensino fundamental e médio para atuar em estudos do meio. E, desse ponto decorrem as questões que orientam esta pesquisa.

Considerando-se as características do trabalho pedagógico interdisciplinar e as possibilidades oferecidas pelos estudos do meio, que formação o professor deve receber? Que aspectos essa formação deve contemplar? Como o coordenador pedagógico pode promover a unidade de ensino em sua instituição levando em conta a pluralidade da formação de seus professores? São essas questões, importantes para o meio profissional e acadêmico, que almejo responder com este trabalho de pesquisa.

Pesquisas e estudos correlatos

As buscas por pesquisas relacionadas ao estudo do meio foram realizadas, em uma primeira tentativa, em livros e em artigos de revistas científicas impressas. Em seguida, foram realizadas buscas por dissertações de mestrado e teses de doutorado no Google Acadêmico e em bibliotecas digitais de instituições de ensino superior públicas e particulares brasileiras,

utilizando como palavras-chave: estudo do meio; interdisciplinaridade; formação de professores; ensino e aprendizagem; educação ambiental.

E, na sequência, foram consultados os portais: SciELO - Scientific Electronic Library Online - e de Periódicos da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

A busca no Portal de Periódicos da CAPES, utilizando estritamente a expressão “estudo do meio” permitiu a localização de 37 resultados. Entre eles, um grande número de artigos e textos acadêmicos relacionados aos estudos do meio ambiente e à ecologia. Considerando as questões propostas para esta investigação, foram selecionados para leitura dos resumos e posteriormente dos textos completos apenas duas dissertações de mestrado e dois artigos.

Além dos trabalhos acadêmicos, dos artigos de revistas e de material publicado pelo setor público e privado da educação brasileira, também foi possível localizar trabalhos acadêmicos elaborados em universidades de Portugal. A relação dos trabalhos analisados pode ser consultada no Quadro 1, a seguir.

Quadro 1: Relação das publicações analisadas.

Tipo	Autor/ano	Título
DM	ALVES, 2005	Manuais Escolares de Estudo do Meio, Educação CTS e Pensamento Crítico.
DM	BOSCOLO, 2007	Projetos de estudo do meio em escolas públicas em Santana de Parnaíba - SP
DM	SIMÕES, 2010	Orientações curriculares para o estudo do meio no 1º ciclo do ensino básico
TD	MATEUS, 2008	O estudo do meio social como processo educativo de desenvolvimento local
Art.	LESTINGE e SORRENTINO, 2008	As contribuições a partir do olhar atento: estudos do meio e a educação para a vida
Art.	FERNANDES, 2009	Estudo do meio na formação continuada do(a) professor(a) de História

Legenda: DM = dissertação de mestrado; TD = tese de doutorado; Art. = artigo.

A dissertação de mestrado de Alves (2005), elaborada na Universidade de Aveiro, em Portugal, analisa “os manuais escolares de Estudo do Meio do 4º ano de escolaridade quanto às finalidades da Educação em Ciências ligadas à Educação Ciência-Tecnologia-Sociedade e ao Pensamento Crítico – CTS/PC” (ALVES, 2005).

A dissertação de mestrado denominada “Orientações curriculares para o estudo do meio no 1º ciclo do ensino básico” (SIMÕES, 2010), apresentada à Universidade de Coimbra - Portugal, analisa o estudo do meio como “uma área curricular fundamental no 1º. Ciclo do Ensino Básico” da escola portuguesa e busca identificar as capacidades cognitivas a serem desenvolvidas em seu contexto. De forma análoga ao trabalho de Alves (2005), aqui também o objeto da investigação é um componente curricular da educação básica de Portugal.

Na mesma direção, a tese de doutorado de Mateus (2008) analisa o componente curricular dos cursos de licenciatura “Estudo do Meio Social”, questionando seus conteúdos e atividades de ensino e avaliando sua contribuição na busca de soluções para os problemas sociais locais e para a formação integral do aluno da educação básica. A autora afirma que

O Estudo do Meio Social como processo educativo de Desenvolvimento Local permitiu um conhecimento da realidade social local, centrando-se em estratégias que ao utilizarem os recursos endógenos disponíveis geraram sinergias entre níveis e parceiros, estimularam a aprendizagem contínua, valorizaram a Acção Local e criaram dinâmicas entre a Escola e a Comunidade em que se insere (MATEUS, 2008).

Por sua vez, a dissertação de mestrado intitulada “Projetos de estudo do meio em escolas públicas em Santana de Parnaíba - SP” (BOSCOLO, 2007) analisou estudos do meio realizados em escolas públicas municipais de Ensino Fundamental (5ª a 8ª série) de Santana de Parnaíba-SP, que se mostraram significativos em termos de ensino e aprendizagem. O estudo do meio foi analisado “como uma alternativa de método, que leva em conta as subjetividades dos educandos, que tem como princípio o trabalho coletivo, a integração das disciplinas e uma aprendizagem crítica”. A investigação conclui que o estudo do meio, como prática pedagógica contribui para “revigorar o cotidiano do espaço escolar, no caminho da compreensão da realidade em sua complexidade, na formação da cidadania e na função social da escola” (BOSCOLO, 2007).

De forma semelhante, se encaminha o artigo, publicado pela Revista Ciência e Educação, denominado “As contribuições a partir do olhar atento: estudos do meio e a educação para a vida”, de autoria de Lestingue e Sorrentino (2008), que se organiza no sentido de identificar, com base no pensamento de

diferentes autores, “como um estudo do meio pode impregnar de conhecimento, valores e sentimentos aqueles que se dispõem à imersão e à reflexão com base nas experiências vividas” (LESTINGE e SORRENTINO, 2008).

E, por fim, o artigo intitulado “Estudo do meio na formação continuada do(a) professor(a) de História” (FERNANDES, 2009) relata uma experiência de estudo do meio utilizada na formação continuada de professores de História de escolas públicas da região do Juruá, no interior do Acre, em janeiro de 2001.

A análise desses trabalhos permite afirmar que os estudos do meio têm se constituído em uma preocupação dos educadores e formadores de educadores, além de uma ferramenta de aprendizagem, e que estão fortemente relacionados com questões importantes do universo escolar, como: as metodologias de ensino ativas, a interdisciplinaridade e a educação ambiental.

Dos estudos correlatos foi possível recolher informações significativas que, de certo modo, orientaram a formulação de questões e o processo de realização desta pesquisa. A leitura desses trabalhos permitiu reconhecer a percepção do professor, em relação ao seu trabalho, e identificar como ele percebe a importância dos estudos do meio no processo de aprendizagem.

Objetivos da pesquisa

Considerando-se as questões formuladas, esta investigação tem por objetivo geral: elaborar uma proposta de formação para o professor do ensino fundamental 2 e médio, para atuar de forma qualificada em projetos de estudo do meio, considerando a necessidade de formação desse professor e os objetivos de aprendizagem dos alunos. E, por objetivos específicos:

- Caracterizar estudos do meio.
- Enumerar as possibilidades de aprendizagem dos alunos a serem realizadas no contexto dos estudos do meio.
- Identificar as necessidades de formação do professor que trabalha com estudos do meio.

- Elaborar uma proposta de formação para professores sobre estudos do meio e aprendizagem dos alunos.

A investigação foi desenvolvida como pesquisa qualitativa, apoiada em pesquisa bibliográfica e análise da experiência de implantação do estudo do meio, realizada em uma escola de educação básica da cidade de São Paulo.

Este trabalho final está dividido em três capítulos. O primeiro, dedicado ao Estudo do Meio, recupera aspectos históricos e teóricos desse procedimento de ensino, analisa o percurso de implantação do estudo do meio na realidade da escola e pontua aspectos necessários à formação do professor.

O segundo capítulo descreve as relações entre aprendizagem e estudo do meio, indicando aspectos relativos ao papel do aluno em todas as etapas da elaboração de um estudo do meio, como momento privilegiado de encontro entre a teoria e a realidade.

O terceiro capítulo descreve os procedimentos da pesquisa bibliográfica e apresenta uma proposta de formação, que busca aprimorar o trabalho dos professores, fomentar seu envolvimento e ajudá-los a proporcionar aos alunos as condições para aproveitar todas as possibilidades de aprendizagem que esse procedimento de ensino pode propiciar.

E, por fim, as Considerações Finais apresentam comentários sobre o processo de elaboração e o produto final dessa pesquisa.

CAPÍTULO 1

ESTUDO DO MEIO – ASPECTOS HISTÓRICOS E PEDAGÓGICOS

INTRODUÇÃO

Este capítulo tem por finalidade recuperar informações sobre o estudo do meio na história da educação, investigar o papel do professor na utilização desse procedimento de ensino e sua influência no processo de aprendizagem. Também apresenta aspectos teóricos que fundamentam essa forma de trabalho pedagógico, em termos de sua importância e eficácia no processo de construção do conhecimento.

1.1 ESTUDO DO MEIO – ASPECTOS HISTÓRICOS

O emprego do estudo do meio, como prática pedagógica, não é recente na história da educação. É possível afirmar que, como procedimento de ensino, ele se apoia nas teorias pedagógicas de John Dewey (1859-1952), um filósofo norte-americano que defendia a democracia e a liberdade de pensamento como condições para o desenvolvimento intelectual e emocional das crianças na escola. Para Dewey, os alunos aprendem quando realizam tarefas associadas aos conteúdos ensinados. Em decorrência, as atividades manuais e criativas ganham destaque no currículo e as crianças são estimuladas a experimentar e a pensar por si mesmas. “Sua pedagogia baseia-se nas noções de experiência e atividade” (CORDEIRO, 2007).

Dewey propôs a organização de situações de aprendizagem baseadas nas etapas do método científico, de forma que o conhecimento se construísse diretamente pela observação, formulação e teste de hipóteses dos alunos, e não apenas pela transmissão do professor ou dos livros (CUNHA, 2002).

Ainda no início do século XX, imigrantes europeus anarquistas, que ocuparam postos de trabalho na indústria, fundaram escolas inspiradas nas ideias pedagógicas de Francesc Ferrer (1859-1909). Essas escolas tinham como princípio oferecer um ensino racional, fundamentado em observações de

campo, discussões e na formação do espírito crítico sobre o contexto social em que os alunos estavam inseridos. As práticas educativas tinham objetivos políticos bem contextualizados, a moderação e o diálogo entre os alunos e os espaços visitados eram diferentes dos realizadas atualmente. O termo empregado para as atividades extramuros da escola também era outro: excursões instrutivas (LOPES 2014).

A Escola Moderna de Barcelona (Espanha), inaugurada em 1901, inspirada e conduzida por Francisco Ferrer y Guardia,

[...] propunha o vanguardismo da educação libertária, com uma proposta pedagógica que lidava com atividades extramuros da escola. A principal missão da escola era formar o aluno de maneira autônoma, com conceitos de igualdade, crítica e consciência da luta de classes presentes ao longo da história. A escolha de um lugar como uma fábrica, para proporcionar o contato com uma realidade fabril, além de seus operários, dialogava diretamente com aquela premissa (LOPES, 2014, p. 30).

De forma análoga, desenvolviam-se as experiências educativas de Célestin Freinet (1896-1966), que foi um educador francês contemporâneo de Dewey e de Ferrer. Incomodado com o desinteresse de seus alunos, em relação à escola, passou a levá-los a passeios pela região de *Bar-Sur-Loup* (pequeno vilarejo da região sudeste da França). A investigação da cidade, tanto da parte urbana quanto da rural, levantava temas de real interesse para seus educandos, que depois eram aprofundados e desencadeavam boas situações de aprendizado de leitura e escrita (SAMPAIO, 1989).

Conhecendo cada vez mais as necessidades de seus alunos, e procurando melhorar o relacionamento com eles, Freinet

[...] começou a questionar a eficiência das rígidas normas educacionais: filas, horários e programas exigidos oficialmente. Para ele ficou claro que o interesse das crianças estava lá fora, nos bichinhos que subiam pelo muro, nas pedrinhas redondas do rio, pois percebia que, nos momentos de leitura dos livros de classe, o desinteresse era total. [...] Se o interesse das crianças estava lá fora, por que ficar dentro da classe, lendo trechos de manuais com frases sobre assuntos desinteressantes para elas? Decidiu então levar os alunos para onde eles se sentiam felizes: lá fora. Diariamente organizava a aula-passeio. Saíam todos juntos, passando pelas ruas estreitas da vila, parando um pouco para admirar o trabalho do marceneiro ou para ver e ouvir as marteladas fortes e firmes do ferreiro (SAMPAIO 1989, p.15).

Freinet não propôs um método de ensino, mas elaborou um conjunto de técnicas pedagógicas destinadas a promover o “desenvolvimento da capacidade de expressão e o pensamento das crianças, bem como o seu espírito comunitário e de solidariedade”. Entre essas técnicas, inclui-se a “aula-passeio” (CORDEIRO, 2007, p. 180; SCARPATO, 2013).

No Brasil, em especial nas comunidades formadas por imigrantes europeus do sul do país, foram implantadas algumas escolas orientadas por princípios anarquistas ou socialistas e pelas ideias desses educadores, que incluíam práticas de excursões instrutivas ou aulas-passeio. No entanto, essa proposta pedagógica foi motivo de conflito com os interesses do governo brasileiro da época (décadas de 20 e 30 do século XX) e essas escolas foram fechadas (LOPES e PONTUSCHKA, 2009).

Durante a década de 1960, à luz do movimento da Escola Nova, os estudos do meio foram retomados, na realidade educacional brasileira, por influência dos professores preocupados com uma aprendizagem significativa. Mas o governo militar, por meio de censura e decretos, proibiu a sua realização. Com a queda do governo militar e a redemocratização do país, a partir do final dos anos 1980, os estudos do meio, com o apoio de educadores críticos, como Paulo Freire, puderam ser recuperados e voltar a desempenhar a função de atividade integradora de práticas interdisciplinares no âmbito da escola básica com resultados muito positivos (PONTUSCHKA, PAGANELLI e CACETE, 2007).

1.2 ESTUDO DO MEIO - ASPECTOS TEÓRICOS

O estudo do meio é uma proposta científica de trabalho pedagógico que abrange um planejamento inicial, uma saída do ambiente de sala de aula, para exploração e registro, e uma avaliação dos resultados. Esse procedimento de ensino visa levar o aluno a se familiarizar com o método científico de pesquisa e a se apropriar desse método para utilizá-lo em situações novas com que porventura venha a se defrontar. Segundo Carlini (2013),

O estudo do meio caracteriza-se pela possibilidade de investigação interdisciplinar de fenômenos da realidade natural

e social do aluno. Nesse sentido, pelas próprias características do objeto de estudo, requer a integração dos componentes curriculares, por meio de objetivos e conteúdos de ensino no trabalho a ser realizado e o emprego de procedimentos de ensino com pesquisa, como observação, entrevistas, levantamento bibliográfico, entre outros (CARLINI, 2013, p. 49).

É uma atividade de aprendizagem que possibilita ao aluno o contato com o complexo vivo, com um conjunto que é o próprio meio, onde natureza e cultura se interpenetram e defrontam, não divididos em disciplinas ou conteúdos, mas compondo um todo significativo. Em outras palavras, estudar o meio é muito mais que contemplar a realidade. Estudar o meio é trazer a realidade para dentro de si, assumi-la, e conscientizar-se de ser parte significativa dessa realidade. Segundo Faustino (2007),

Para poderem ser úteis, os conhecimentos devem ser organizados: as novas informações devem ser relacionadas com os conhecimentos prévios que o aluno possui, e dessa forma originar estruturas próprias de conhecimento. Isto é, *devem integrar a verdade que está na realidade, o que equivale a descobrir e assumir a verdade como própria* (FAUSTINO, 2007, p. 19).

Essa apropriação da verdade inserida na realidade é possível por meio da compreensão dos elementos que formam a teia do ambiente em que cada ser humano vive e da relação que se estabelece entre a realidade e o ambiente de sala de aula.

O radical, comprometido com a libertação dos homens, não se deixa prender em 'círculos de segurança', nos quais aprisione também a realidade. Tão radical quanto mais se inscreve nesta realidade para, conhecendo-a melhor, melhor poder transformá-la (FREIRE, 1987, p. 14).

E a compreensão da realidade não pode ser tarefa de uma única disciplina, nem se esgota nos conteúdos escolares previstos em dispositivos legais, pois o meio natural e social do aluno (do professor, da escola, da comunidade) é um objeto de estudo complexo e multifacetado. Assim, o estudo do meio

[...] não é propriamente uma saída ou excursão da escola, menos ainda um passeio. Também não é tarefa exclusiva desse ou daquele professor, mas atividade coletiva a ser construída pela equipe escolar, apoiada no projeto pedagógico da escola (CARLINI, 2013, p. 49).

Em termos conceituais e procedimentais, o estudo do meio oferece condições para que os educandos participem da investigação da realidade e desenvolvam o pensamento crítico, com base na observação e no contato direto com o fenômeno. Dessa forma, desempenha um papel integrador entre as disciplinas que historicamente fragmentam o conhecimento produzido pela humanidade. Essa fragmentação decorreu da necessidade de se aprofundar nas diversas áreas do conhecimento, porém o conhecimento isolado pode não ser suficiente para fornecer as respostas aos problemas. É necessário o exercício integrado, relacionando saberes, para que o conhecimento possa se transformar em instrumento para a atuação em sociedade (ABDALLA, 2011).

Segundo Lopes e Pontuschka (2009),

[...] travar diálogos com o espaço pressupõe o domínio de conceitos e linguagens diversas de muitas disciplinas. O Estudo do Meio não prescinde, portanto, das características ou identidade das diversas disciplinas. São elas que, de fato, permitem compreender mais profundamente a dimensão social da organização do espaço e, ao mesmo tempo, da influência que essa organização exerce sobre a vida dos homens e mulheres que nele vivem, compreendendo o meio como uma “Geografia viva” (LOPES e PONTUSCHKA, 2009, p. 186).

E o estudo do meio, por possibilitar o encontro do aluno com a realidade que não é fragmentada, propicia essa ação integradora, que pode ser trans, multi, pluri ou interdisciplinar. Não é nosso objetivo, neste momento, aprofundar o estudo dessas relações disciplinares, mas destacar que o encontro do aluno com o mundo real, fora da sala de aula, permite um diálogo entre o sujeito e o objeto do conhecimento levando-o a alcançar uma aprendizagem significativa, que vai muito além da memorização mecânica e permite ultrapassar o conhecimento fragmentado.

Segundo Lück (1994), no âmbito das práticas educativas, “a interdisciplinaridade representa a possibilidade de promover a superação da dissociação das experiências escolares entre si, como também delas com a realidade social” (LÜCK, 1994, p. 59). Ainda segundo a autora, seu objetivo deve ser o de

[...] promover a superação da visão restrita de mundo e a compreensão da complexidade da realidade, ao mesmo tempo resgatando a centralidade do homem na realidade e na produção de conhecimento de modo a permitir ao mesmo

tempo uma melhor compreensão da realidade e do homem como o ser determinante e determinado (LÜCK, 1994, p. 60).

Além disso, a utilização desse procedimento de ensino oferece oportunidade para o desenvolvimento de relações interpessoais em situações e lugares diferentes daqueles observados no cotidiano escolar. Nos estudos do meio, as características pessoais do aluno são constantemente mobilizadas e postas à prova. Muitas vezes, ele vai permanecer por um longo tempo em grupo, ajudar e ser ajudado, sentir-se valorizado ou inseguro diante de situações novas e desafiadoras, relacionar conhecimentos e aprendizagens, sentir cansaço, precisar ter paciência, partilhar, cooperar e dividir, e tudo isto colabora para o seu desenvolvimento intelectual e emocional.

Segundo Balzan (1974), o estudo do meio pode colaborar para favorecer a maturidade do aluno e, para isso, é necessário que ele volte modificado, ou seja, mais rico em experiências do que quando partiu, de forma que, por meio desta prática, o aluno cresça como pessoa, como ser social.

1.3 ESTUDO DO MEIO - UMA HISTÓRIA EM CONSTRUÇÃO

Na escola onde trabalho, havia uma resistência às propostas de saída para estudo do meio. Dessa forma, as saídas para estudo não eram realizadas. Um dos argumentos apresentados para justificar essa posição se referia à preocupação com a exposição dos alunos a um risco que se considerava desnecessário e que acarretava responsabilidade civil para a escola, caso ocorresse algum acidente.

Com uma experiência anterior em outra escola, com pequenas saídas, mas com resultados de aprendizagem muito significativos, quando assumi a coordenação solicitei à direção que permitisse a saída dos alunos para os estudos. Embora se afirmasse preocupada, ela me deu o voto de confiança necessário. A partir daí, passei a incentivar os professores para essa modalidade de ensino, que poderia gerar outras possibilidades de aprendizagem. Procurei também fazer contato com duas empresas de turismo educacional especializadas nesse tipo de estudo e agendei reuniões. Pedi que

trouxessem suas melhores propostas para a faixa etária do ensino fundamental 2.

Das duas empresas consultadas, uma foi selecionada e passamos a ajustar as propostas de estudo em encontros com os seus guias mais experientes, com os professores e com a coordenação. Esse ajuste foi orientado pelo disposto no currículo da escola e no projeto político pedagógico (PPP). Como a empresa estava interessada em conquistar um novo cliente, mostrou-se flexível para alterar os roteiros, de acordo com as necessidades e interesses da nossa escola e dos alunos. Em pouco tempo, seu representante demonstrou surpresa com a qualidade de nossas propostas e com as boas ideias que sugerimos. Posteriormente, passaram a comercializar também os programas com nossos roteiros para outras escolas.

Elaboramos um programa com saídas para os alunos do 6º ao 9º, sendo uma saída longa no primeiro semestre e duas saídas de um dia no segundo semestre. Para os alunos do 6º ano, dividimos a saída longa em duas saídas de dois dias, pois os pais ainda não estavam acostumados a permanecer longos períodos longe de seus filhos, com pouca comunicação e sob a responsabilidade da escola.

Para cada saída, foi elaborado um projeto. Cada projeto foi dividido em três partes. A primeira é composta por um material teórico, pesquisado e elaborado pelos professores, a respeito do objeto de estudo e de suas possibilidades relacionadas aos conteúdos estudados em cada disciplina. Esse material foi organizado em uma apostila a ser entregue aos alunos. A segunda parte corresponde à saída propriamente dita, com um cronograma de visita aos locais planejados e com algumas questões na apostila, que devem ser respondidas pelos alunos. A terceira parte compreende a correção das atividades da apostila pelo professor e a discussão em sala de aula sobre o que havia sido observado na saída.

Elaboramos as seguintes propostas para os alunos do 6º ao 9º ano, que estão descritas no quadro 2, a seguir.

Quadro 2: Propostas de estudos do meio para as séries/anos

Projeto	Série/Ano	Objetivos	Como	Conteúdos trabalhados	Atividades realizadas	Relação com o currículo	Disciplinas	Avaliação
Caminhos do Tietê	6	Compreender a importância do rio Tietê para o desenvolvimento de São Paulo e do Brasil.	Saída de um dia para a cidade de Salesópolis e saída de três dias desde São Paulo até Barra Bonita	Ciclo da água, poluição, Bandeiras, Código Florestal, agricultura, processos industriais, contextos culturais.	<ul style="list-style-type: none"> - Visita à nascente do rio Tietê. - Visita ao Museu da energia. - Visita à uma chácara do cinturão verde de São Paulo - Visita à Santana do Parnaíba e Museu Anhanguera. - Visita a Pirapora do Bom Jesus. - Visita ao Parque de Lavras. - Visita ao Memorial do Tietê. - Visita ao Parque das Monções. - Visita à uma escola pública na cidade de Dois Córregos (cidade da poesia). - Visita à uma cerâmica industrial. - Visita à uma cerâmica artesanal. - Visita à eclusa de Barra Bonita - Visita a uma nascente do aquífero Guarani na cidade de Brotas 	Compreender a influência do espaço geográfico na ação humana e a influência da ação humana no espaço geográfico. Estudo dos processos de poluição ambiental e do trabalho de saneamento básico. Desenvolver habilidades de observação e construção de maquetes. Estudo e produção de poesias.	Geografia Ciências História Língua Portuguesa Educação Física Artes	<ul style="list-style-type: none"> - Discussões em grupo. - Questões na prova. - Trabalho em equipe: apresentações para os demais alunos do grupo sobre o tema, sobre poesia, e elaboração de maquetes representativas dos locais visitados.
Reciclar	6	Compreender a importância do cuidado com o meio ambiente	Saída de um dia para a COOPEMARE – Cooperativa de catadores de rua de Pinheiros e para a ONG Reciclar na Vila Jaraguá. Atividades internas na escola	Educação ambiental, ecologia, sustentabilidade, reciclagem	<p>Parte 1 – Projeto interno da escola para conhecimento, divulgação e conscientização da destinação do resíduo sólido (nesta fase, os alunos do 6º ano realizam palestras para os demais alunos da escola, da educação infantil ao ensino médio)</p> <p>Parte 2 – Visita a um ponto de coleta e de separação de material reciclável (Associação dos catadores de rua) e a uma ONG de reciclagem de papel, que tem um projeto social para jovens carentes.</p>	Estudos relacionados à ecologia e sustentabilidade e à proteção ambiental.	Ciências Geografia	<ul style="list-style-type: none"> - Discussões em grupo. - Questões na prova. - Trabalho em equipe: apresentações para os demais alunos do grupo sobre o tema, e elaboração de cartazes representativos dos locais visitados.
Atmosfera	6	Compreender parte das influências da ocupação urbana na atmosfera e no relevo	Saída de um dia para o parque do Pico do Jaraguá	Atmosfera, ocupação urbana,	Subida ao Pico do Jaraguá e caminhada de aproximadamente 3Km pela mata situada na encosta do pico.	Estudo da poluição atmosférica, da ocupação urbana e da história da exploração do ouro no Brasil.	Geografia Ciências História	Produção de trabalhos individuais e em grupo.

Projeto	Série/Ano	Objetivos	Como	Conteúdos trabalhados	Atividades realizadas	Relação com o currículo	Disciplinas	Avaliação
Paraty	7	Compreender aspectos históricos do Brasil Colônia e República e estudar biomas terrestres e marinhos	Saída de três dias para a cidade de Paraty e viagem em embarcações para o Saco do Mamanguá.	Colonialismo; ciclos da cana, do ouro, do café, do turismo; biomas, preservação ambiental, vertebrados e invertebrados;	Saída para a cidade de Paraty, para conhecer os aspectos históricos e os ciclos econômicos do ouro, do café, da cana de açúcar e do turismo. Subida ao Morro do Defensor Perpétuo, visita à Casa da Cultura, caminhada pelo centro histórico e atividade com grupo de Cirandeiros. Saída para o saco do Mamanguá, onde os alunos permanecem por dois dias sem energia elétrica, visitam um trecho de mata atlântica, conhecem o bioma de mangue e o bioma de costão, realizam atividades de pesca, mergulho, artesanato em madeira e aulas de navegação.	Estudo da história do Brasil; estudo de reinos dos seres vivos; estudos de artes; estudos de literatura, estudos do relevo.	Geografia Ciências História Língua Portuguesa Educação Física Artes	- Discussões em grupo. - Questões na prova. - Trabalho em equipe: apresentações para os demais alunos do grupo sobre o tema, e elaboração de cartazes representativos dos locais visitados
Centro Histórico de SP	7	Compreender o processo de ocupação, urbanização e desenvolvimento da cidade de São Paulo.	Saída de um dia para o centro da cidade de São Paulo	Colonialismo, desenvolvimento e ocupação urbana	Visita a pontos importantes do centro da cidade de São Paulo, como Praça da Sé, Pateo do Colégio, Rua 25 de Março, Mercado Central e museu Catavento Cultural.	Estudo da história do Brasil. Reinos dos seres vivos e estudo do corpo humano.	História Geografia Ciências	Questões na prova
Santos	7	Compreender a relação entre o desenvolvimento da tecnologia e as formas de transportar a serra do mar. Compreender as relações e as espécies dos biomas marinhos.	Saída de dois dias para as cidades de Santos e São Vicente, e para a Vila de Paranapiacaba	Revolução Industrial; transportes e desenvolvimento; vertebrados, invertebrados;	Visita à Vila de Paranapiacaba e ao Museu Ferroviário, leitura de "O Sinaleiro" de Charles Dickens, descida da serra do Mar a pé com destino a Cubatão, pela estrada velha de Santos, visita a pontos históricos importantes das cidades de Santos e São Vicente e visita ao Museu da Pesca, Museu do Mar, Museu do Café, Orquidário e passeio de bonde pela região central.	Estudo da história do Brasil e estudo de reinos dos seres vivos.	História Geografia Ciências Educação Física Língua Portuguesa	Questões na prova. - Trabalho em equipe: apresentações para os demais do grupo sobre o tema, e cartazes sobre os locais visitados.

Projeto	Série/Ano	Objetivos	Como	Conteúdos trabalhados	Atividades realizadas	Relação com o currículo	Disciplinas	Avaliação
PETAR	8	Compreender o processo de formação das cavernas e o processo de formação e organização dos quilombos	Saída de três dias com destino a cidade de Ivaporunduva e ao Parque Estadual do Alto Ribeira.	Formações geológicas; ciclos do ouro, cana de açúcar; colonização; organização social; desenvolvimento sustentável.	Visita ao quilombo de Ivaporunduva, com experiências de aprendizado da cultura quilombola sobre medicina natural, agricultura de subsistência, caça e pesca e mobilização social para defesa da comunidade. Visita às cavernas do PETAR, que têm pouca intervenção do homem, e visita à caverna do Diabo, que sofreu grande intervenção do homem.	Estudo de história do Brasil, da sociologia e das formações geológicas.	Geografia Ciências História Língua Portuguesa Educação Física	- Discussões em grupo. - Questões na prova. - Trabalho em equipe: apresentações para os demais alunos do grupo sobre o tema, e elaboração de cartazes representativos dos locais visitados.
NUCEL	8	Compreender os processos de extração de DNA, manipulação de transgênicos e uso de células tronco pela ciência e pela medicina.	Duas saídas de um dia para o Instituto de Bioquímica da USP - SP	Biologia celular; desenvolvimento de pesquisa científica.	Visita ao Instituto de Bioquímica da USP e estudo de células tronco, extração de DNA e manipulação de transgênicos.	Estudo de biologia e bioquímica.	Ciências Inglês	- Discussões em grupo. - Questões na prova. - Trabalho em equipe: apresentações para a comunidade escolar sobre o tema no sábado cultural.

Projeto	Série/Ano	Objetivos	Como ocorreu	Conteúdos trabalhados	Atividades realizadas	Relação com o currículo	Disciplinas	Avaliação
Canadá	9	Programa de Leadership – desenvolvimento de liderança e aprimoramento do uso de inglês e espanhol.	Viagem de três semanas para Vancouver, Canadá	Estratégias de formação e desenvolvimento de lideranças	Viagem para o Canadá para participação em um curso de liderança.	Desenvolvimento de habilidades e competências e aprimoramento do uso das línguas estrangeiras.	Inglês Espanhol	Avaliação qualitativa para melhoria do programa oferecido
Física	9	Compreender as transformações de energia e as aplicações práticas do estudo da física	Visita ao instituto de física da USP-SP e ao reator nuclear do Instituto de Física	Física newtoniana, química básica.	Visita ao instituto de física da USP-SP	Estudo de física e química prática.	Ciências Inglês	Questões em prova

Algum tempo depois da implementação desses projetos de estudo do meio para o Ensino Fundamental 2, a equipe do Ensino Fundamental 1, estimulada pelos relatos do coordenador e dos professores sobre os resultados obtidos com os alunos mais velhos, começaram a trabalhar na substituição de uma saída de recreação, que faziam para o Happy Lago, por uma saída de estudo, que tivesse relação com os conteúdos trabalhados no 5º ano. Pouco tempo depois, foi implementada uma viagem de estudo do meio para as cidades de Itu e Rio Claro, relacionada a um projeto de paleontologia. Nessa saída os alunos visitaram o Parque do Varvito, uma pedreira desativada onde é possível visualizar as camadas da rocha sedimentar formadas há milhões de anos pelo depósito dos sedimentos ao longo do tempo; uma pedreira em atividade onde puderam partir e encontrar pequenos fósseis incrustados nas rochas e os Museus de Paleontologia e de Minerais e Rochas da UNESP, em Rio Claro.

Ao longo do tempo e com a experiência acumulada, foi possível melhorar os projetos de estudo do meio em várias frentes. Os roteiros foram repensados, eliminando visitas a locais pouco interessantes ou com menor potencial, em termos de propor temas relacionados à aprendizagem dos alunos. O conteúdo teórico oferecido aos alunos foi reelaborado sucessivas vezes, e passou a envolver outras disciplinas. Além disso, o material escrito foi enriquecido com imagens, mapas, gráficos, tabelas e indicações de vídeos.

A preparação para a saída também foi submetida a modificações, no sentido de fomentar a curiosidade dos alunos em relação ao que iriam conhecer, trabalhando os temas de estudo com mais antecedência e mostrando fotos das saídas do ano anterior. A adesão dos alunos à saída também cresceu, apoiada em uma melhor orientação aos pais: a explicação em reunião sobre o caráter pedagógico e de aprendizagem de cada saída foi antecipada para o início do ano letivo. Muitos deles ainda encaravam a saída como um passeio, palavra que nos esforçamos muito para eliminar do vocabulário, substituída por estudo do meio.

O título do projeto, que no início tinha o nome do local a ser visitado, foi modificado e passou a ter por nome o objetivo pedagógico a ser atingido. Por exemplo, o nome do *Estudo do Meio em Paraty* foi substituído por *Projeto*

Científico, Histórico e Geográfico dos séc. XVI ao XX – colonização e biomas marinhos.

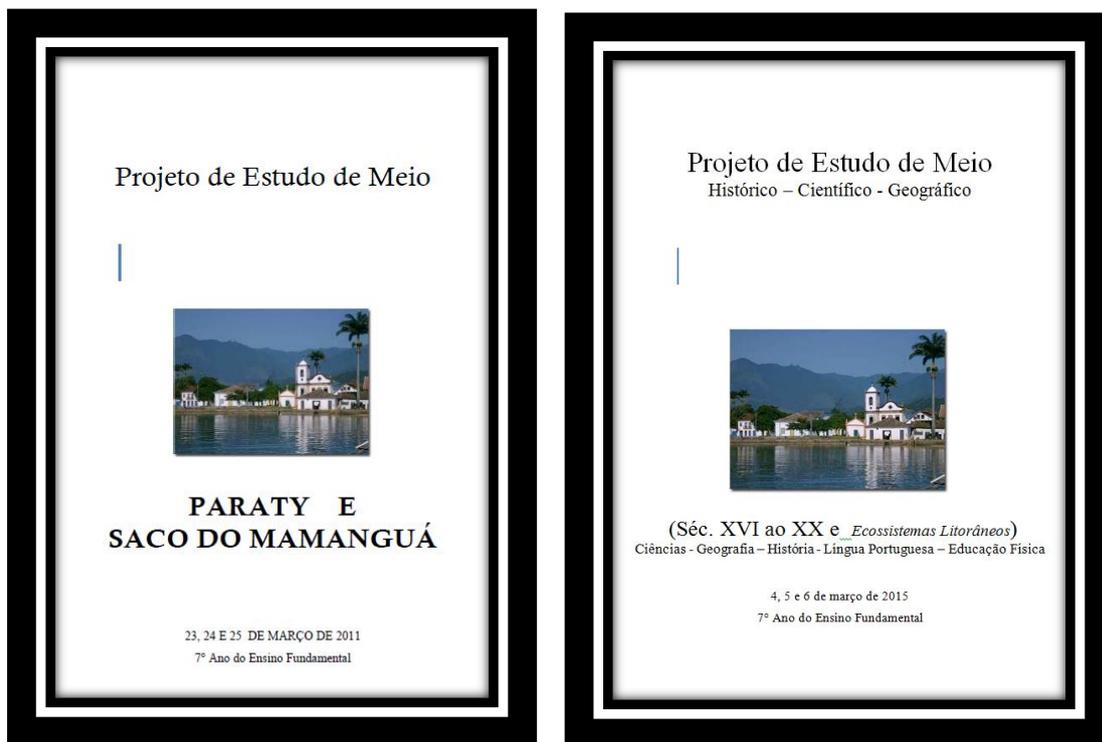


Figura 1: Reprodução das capas do material de estudo – antes e depois.

Um dos aspectos que ainda não foi possível modificar, em termos de formação e preparação, foi aquele que se refere aos guias da empresa que dá suporte logístico para as saídas. Por diferentes motivos, alguns destacados na justificativa deste trabalho, este é um ponto sobre o qual a equipe escolar tem apenas influência indireta e os progressos têm um ritmo mais lento do que os conseguidos dentro da escola.

Mas, mesmo com todas essas modificações, implantadas ao longo dos anos, a cada projeto de estudo do meio realizado permanecia a sensação de que ainda seria possível fazer melhor. A partir dos estudos realizados nas disciplinas do mestrado profissional, delineiam-se com mais clareza as possibilidades de mudança, qualificando o papel do coordenador, do professor e do aluno em todos os projetos.

Ao longo do ano de 2014, nos encontros e reuniões pedagógicas, esse assunto foi pautado para discussão com os professores e a ideia foi sendo amadurecida. Mas, a cada novo projeto, a falta de tempo e de mudanças

efetivas fazia com que tudo ficasse como já estava. No final do ano, a coordenação tomou uma iniciativa baseada em uma decisão radical: todo o material utilizado nas saídas de estudo do meio dos anos anteriores seria descartado. Portanto, tornava-se necessário elaborar um novo material e estabelecer novos procedimentos.

Como ponto de partida para essa nova fase do trabalho, ficou estabelecida uma primeira meta: a participação de um professor ou disciplina, em um estudo do meio, não é mais obrigatória. Dessa forma, acredita-se que o envolvimento dos docentes deixa de ser artificial, apenas com o objetivo de alegar participação. A participação e o envolvimento passaram a ser voluntários. E também ficou decidido que, se uma saída de estudo não tiver um importante significado pedagógico relacionado ao currículo ou ao PPP, ela não será realizada. Em outros termos, se os objetivos e conteúdos de ensino a serem trabalhados não indicarem a necessidade de realização um estudo do meio não há motivos para realizá-lo.

A segunda meta determina que os alunos devem elaborar o material teórico relativo à saída, se apropriar da teoria e, a partir do estudo desse conteúdo, elaborar os questionamentos que devem ser respondidos, explicados, ratificados ou retificados nas saídas de estudo. Para isso, os professores se reuniram e discutiram as possibilidades para cada turma. Elaboraram grandes temas relacionados ao currículo e separaram o foco para cada um deles trabalhar. Dividiram as turmas em grupos e os temas entre os grupos, e passaram a acompanhar seu trabalho de pesquisa.

E a terceira meta se referiu à construção de situações de aprendizagem nas quais os alunos se tornaram os responsáveis por partilhar com outros alunos, em atividades de ensino, aquilo que foi aprendido por eles em cada estudo do meio.

Assim sendo, os alunos elaboraram um material teórico, de até duas páginas por grupo e por professor orientador, que foi reunido e colocado em uma apostila. Os grupos também elaboraram uma apresentação sobre cada tema pesquisado e fizeram uma comunicação oral para os colegas, de forma que todos tomaram conhecimento do que foi pesquisado. Cada grupo de

alunos também elaborou duas questões, que foram reunidas e colocadas no diário de bordo, para serem respondidas durante a saída de estudo.

Durante a primeira saída de estudo utilizando essa nova metodologia, já foi perceptível a mudança. A equipe de guias da empresa que organiza a saída comentou que nossos alunos se destacavam em comparação com os das demais escolas com que trabalhavam, pois estavam muito mais preparados do que o habitual. Salientaram a participação positiva e a confiança nas respostas, quando questionados. Também os professores da escola, que acompanharam o estudo, notaram o progresso.

Dando sequência às etapas do projeto, os alunos elaboraram uma apresentação sobre o que foi aprendido e vivenciado durante a saída do estudo do meio. Essa apresentação foi feita para os alunos de uma série anterior, e contou com comunicações orais, apoiadas em recursos digitais (síntese em Power Point), e um espaço para perguntas e comentários, que propiciou um interessante diálogo entre os alunos e os diferentes grupos de trabalho.

Apesar de todos esses progressos já registrados, a equipe ainda queria mais. E sabia que isso era possível. Depois de conseguir fazer com que os alunos se apropriassem do meio e tivessem consciência de ser parte dele, o desafio foi possibilitar que esses alunos interferissem no meio. Novos encontros entre os professores e a coordenação foram feitos e as ideias foram amadurecendo. O engajamento dos professores e o espírito de colaboração foram fundamentais neste momento. Em cada disciplina surgiu uma possibilidade diferente e os professores compartilharam com os alunos suas ideias iniciais para que eles as desenvolvessem e se tornassem protagonistas, de acordo com suas diferentes aptidões.

No estudo do meio “Caminhos do Tietê”, do 6º ano, os alunos levaram de São Paulo, para os alunos de uma escola pública na cidade de Dois Córregos, várias poesias que eles criaram. Também declamaram poesias de autores famosos, cantaram, apresentaram coreografias e fizeram pequenas encenações. Apoiados pelo professor de educação física, elaboraram um livreto com jogos, que eles mesmo criaram, com as regras, o material necessário para jogar e os objetivos de cada jogo. Além disso, deixaram para

os alunos de Dois Córregos um exemplar da apostila com o material teórico criado por eles e os cartazes construídos pelos grupos com os conteúdos de geografia e ciências, com a descrição de todas as etapas desse estudo do meio.

A qualidade do estudo do meio, no decorrer desse processo, cresceu muito, o que motivou ainda mais os professores e permitiu um engajamento extraordinário dos alunos. Também os pais perceberam, pelos relatos entusiasmados dos filhos, o quanto os projetos de estudo do meio estimulam a aprendizagem e o crescimento do aluno. Porém, no decorrer da reflexão realizada no contexto desta pesquisa, ficou claro que este processo ainda não havia incluído um componente muito importante do processo educativo: a avaliação.

Isso não significa que a avaliação não tenha sido realizada nas saídas de estudos do meio. Ela sempre ocorreu, no entanto de maneira informal. Em geral, nos últimos quilômetros das viagens, havia uma conversa entre os professores e os guias da empresa contratada para discutir os pontos positivos e os pontos negativos do processo realizado. Da mesma forma, um representante da empresa, passados alguns dias da saída, entrava em contato com a coordenação para avaliar o trabalho realizado e o desempenho dos guias. Mas, tudo isso ocorria sem um registro sistematizado que permita realmente usar as informações obtidas com a avaliação para a tomada de decisões, a reorientação e a eventual transformação dos estudos do meio.

Diante dessa necessidade identificada, um questionário de avaliação destinado aos alunos, aos professores e aos guias foi elaborado (Apêndice 1). Esse instrumento procurou contemplar a avaliação cruzada, de forma que fosse possível fazer ao mesmo tempo a auto avaliação e a avaliação dos demais participantes do estudo. Além dos aspectos atitudinais e procedimentais, o questionário procurou obter informações sobre a qualidade dos recursos utilizados no estudo.

A partir da análise das respostas, em uma primeira aplicação do questionário, foi possível identificar a necessidade de rever e aperfeiçoar alguns itens, que efetivamente não contribuíam para a avaliação do estudo.

Notou-se, por exemplo, que a classificação “Excelente / Bom / Ruim / Péssimo” não estava adequada para algumas questões. Nesses casos, seria melhor elaborar uma escala maior, acrescentando outras menções, como Muito Bom, ou propondo uma escala de zero a dez. Além disso, foi possível observar que pontos importantes não haviam sido considerados e deviam ser incluídos entre as questões, tais como: a avaliação individual do trabalho dos guias locais e dos guias da empresa contratada; a avaliação individual do processo de preparação dos alunos em sala de aula feita por cada professor e a avaliação da qualidade dos recursos oferecidos aos alunos durante a saída, como hospedagem, transporte, alimentação.

Esse processo de avaliação acarretou uma nova compreensão dos estudos do meio, contribuindo para a sua transformação sempre que necessário. Os questionários ajudaram as pessoas envolvidas no processo a refletir sobre suas ações e sobre o aprendizado, bem como a sistematizar as informações, identificando os pontos fortes, para melhorá-los ainda mais, e os fracos, para buscarmos as soluções possíveis.

Nos estudos do meio realizados após a implantação desse processo de avaliação foi possível observar progressos e conquistas, em relação aos processos de aprendizagem. Nesta nova fase, muito mais do que apropriar-se do meio que o cerca, o aluno tem se tornado capaz de intervir e modificar esse meio e, mais ainda, de ser protagonista de sua formação.

1.4 ESTUDO DO MEIO - PREPARAR O PROFESSOR

O estudo do meio pode oferecer experiências muito ricas de aprendizagem, que determinam ganhos significativos nos processos de conhecimento dos alunos. Para os professores, esse conceito deve ser construído ao longo do tempo, por meio de seu processo de formação inicial e continuada, e da experiência acumulada, em cada um e no grupo de trabalho. Mesmo não sendo um conceito novo, somente vivenciando os resultados é que o professor vai, progressivamente, se apropriando do trabalho com esse procedimento de ensino. Esse processo deveria ter início na formação inicial do professor, mas tem sido possível afirmar que a maioria dos cursos de

licenciatura se preocupa, de forma quase exclusiva, com os conteúdos específicos que o professor deve dominar no contexto da disciplina que leciona.

Desse fato decorre a importância de promover uma formação continuada de qualidade aos professores, que os auxilie a integrar de forma consciente e produtiva as ações de estudo do meio. Ao longo dos últimos anos, tenho notado que, quanto mais preparados os professores estão para participar do estudo do meio, melhores são os resultados de aprendizado dos alunos. Quanto mais se discute, se compartilha e se estuda, maior é a adesão, a participação e o envolvimento dos professores nessas atividades.

Além disso, é preciso que o professor esteja motivado para que também incentive os seus alunos. O professor precisa saber propiciar situações de aprendizagem que despertem no aluno uma atitude favorável para o ato de aprender. Os alunos são sujeitos que, em geral, têm uma história de vida rica e o sucesso de sua aprendizagem está relacionado ao significado que eles atribuem ao conteúdo que está sendo estudado, de acordo com a sua percepção e a sua realidade.

O estudo do meio oferece ao aluno tanto os motivos, como as ferramentas para construir ou reconstruir conhecimentos. Para tanto, precisa ser planejado com rigor, a partir de objetivos de aprendizagem bem definidos e estabelecidos pelo currículo, para promover o envolvimento da equipe escolar, dos alunos e de seus pais e responsáveis. E, deve ser executado de forma séria e comprometida, e seus resultados devem ser sistematizados e divulgados. Por fim, os projetos de estudo do meio devem ser rigorosamente avaliados, tanto em termos dos resultados de aprendizagem, quanto de custos e esforços empenhados.

Considerando as inúmeras tarefas que compõem essa modalidade de trabalho pedagógico, nem sempre estudadas ao longo da formação inicial, é necessário preparar os professores, tanto em termos teóricos quanto práticos, para participar dessas atividades educativas, integrando equipes e se responsabilizando diretamente por ações, como: o planejamento do estudo do meio; a execução das atividades planejadas, a organização e divulgação dos

resultados, a observação das características de cada aluno fora do ambiente escolar e, por fim, a avaliação do processo.

Segundo LOPES (2014) é preciso

[...] acreditar que o professor não é apenas um reproduzidor de programas educacionais provenientes de uma elite intelectual e de anseios do Estado (este inclusive composto pelos mesmos atores), mas, pelo contrário, considerá-lo como atuante político e produtor de novos saberes (sobretudo por conhecer, de maneira ímpar, seus alunos, sua classe, sua escola, seu entorno) tornando óbvia a compreensão de que são inúmeras as possibilidades de encaminhamentos e criações pedagógicas em micro contextos [...] (LOPES, 2014, p. 19).

CAPÍTULO 2

ESTUDO DO MEIO - CONDIÇÕES DE APRENDIZAGEM

INTRODUÇÃO

Este capítulo foi elaborado com o intuito de identificar as possibilidades e as condições de aprendizagem dos alunos, que podem ser promovidas pelo processo de realização dos estudos do meio. Além disso, procura mostrar a importância da participação do aluno e do professor em todas as etapas da elaboração de um estudo do meio, entendido como um momento privilegiado de encontro da teoria com a realidade.

2.1 APRENDIZAGEM E ESTUDO DO MEIO

2.1.1 Aprendizagem e aprender

Segundo Ceballos (1989), a atividade de aprender é individual e intransferível; ninguém pode aprender pelo outro; e cada pessoa tem um modo próprio, diferente, de aprender. Respeitar essas condições determina uma consequência importante para a ação docente: o professor não pode, nem deve, tentar suprir ou substituir o aluno em seu processo de aprendizagem.

Em outras palavras, ao professor não é possível ensinar ou produzir aprendizagem sem contar com a colaboração de quem aprende. O professor pode criar as condições necessárias, mas a aprendizagem somente se realiza no aluno. Esse processo pode ser comparado ao desenvolvimento de uma planta, da qual se cuida e que cresce: pode ser protegida do sol e das pragas, pode ser adubada e regada regularmente, mas quem cresce é ela. Não podemos aumentar um único milímetro em seu tamanho por nossa imposição ou vontade.

E, além disso, não se pode afirmar a existência de um método ideal, comum ou universal para ensinar e aprender. Os procedimentos de ensino devem ser selecionados de acordo com os objetivos, a natureza dos conteúdos

de aprendizagem e as características da pessoa que aprende: seus interesses, necessidades, capacidades, possibilidades, limitações e circunstâncias.

No entanto, é possível afirmar que uma situação de aprendizagem se produz a cada vez que um indivíduo necessita enfrentar uma situação nova ou resolver um problema, um enigma em sua vida. E, diante dessa situação ou problema, ele se esforça por encontrar novas formas de agir, para atuar com sucesso.

Aprender é uma atividade, um exercício, um processo que se desenvolve ao longo de um tempo. E inclui tarefas como as de pensar, estudar, descobrir. Aprender não pode ser compreendido apenas como a aquisição de algo novo, como ideias, conhecimentos, habilidades. Deve significar uma mudança, uma transformação qualitativa do conhecimento, da ação, da atitude, da conduta.

Em geral, a aprendizagem é consequência, ou resultado, da exposição do sujeito que aprende a experiências concretas. Diante de uma situação problema, o aluno interessado age, pesquisa utilizando os recursos disponíveis, como livros, ajuda do professor, sua experiência anterior ou a de seus colegas, em busca da informação necessária para resolver o problema. Esse processo de pesquisa, de descoberta e envolvimento pessoal é fonte contínua de experiências de aprendizagem.

É possível afirmar que existe aprendizagem quando o aluno participa ativamente, quando aprende o que faz, e não o que faz o professor. Por isso, a essência do aprender não consiste em repetir mecanicamente textos de livros, nem em escutar com atenção as explicações verbais de um professor. Não se aprende simplesmente lendo ou escutando de uma forma automática. É preciso haver esforço. Aprender não consiste em armazenar dados ou em absorver de forma passiva os conteúdos que alguém pretende transmitir, mas em assimilar e integrar uma informação que foi buscada e selecionada, colocando em jogo diversas faculdades, o que requer iniciativa e trabalho pessoal. Por outro lado, o resultado de uma aprendizagem afeta a pessoa por inteiro e não apenas as suas capacidades cognitivas. Provoca mudanças no indivíduo total, determinando modificação no seu comportamento.

Aprender é incorporar a si mesmo fatos, verdades e sensações que eram exteriores e até desconhecidas; aprender é converter em substância intelectual, própria, o que não nos pertencia. É captar uma ideia nascida e formada fora de nós e transformá-la, por um processo de apropriação, para que passe a constituir a nossa essência. Esta operação requer um dispêndio de energia, uma tensão viva, um esforço: aprender é um ato da vontade.

Além disso, aprender é adquirir, reter, aplicar e utilizar os conhecimentos, habilidades, hábitos e atitudes. Aprendemos algo na medida em que somos capazes de realizar algo, que antes não sabíamos ou não podíamos fazer, ou também na medida em que encontramos uma forma de fazê-lo melhor do que no passado (CEBALLOS, 1989 p. 3-8).

E podemos perceber quando esse encontro com o aprendizado acontece, quando o aprendiz manifesta a imensa vontade de contar para alguém, para todos, para o mundo, o que aprendeu. Quando se descobre algo, se materializa aquele novo brilho no olhar, uma interjeição de satisfação que revela o encontro com a nova verdade, e essa força é tão intensa que não cabe dentro do sujeito. As crianças pequenas, principalmente, querem imediatamente contar para os pais, depois para os amigos, e assim por diante.

2.1.2 O estudo do meio

O estudo do meio é um método de ensino integrador do currículo que oferece ao aluno possibilidades de construção de seu conhecimento, uma vez que envolve uma metodologia de pesquisa e uma organização que requer: atividades anteriores à visita; levantamento de questões a serem investigadas; definição da problemática a ser estudada; seleção de informações; organização do roteiro a ser seguido; observações em campo; comparação entre os dados levantados e os conhecimentos construídos; conclusões. Segundo Lopes e Pontuschka (2009),

A pesquisa de campo é reveladora da vida, ou seja, por meio dela pretende-se conhecer mais sistematicamente a maneira como os homens e as mulheres de um determinado espaço e tempo organizam sua existência, compreender suas necessidades, seus desejos, suas lutas com vitórias e fracassos. Assim, durante o trabalho de campo, educadores e educandos devem submergir no cotidiano do espaço a ser

pesquisado, buscando estabelecer um rico diálogo com o espaço e, na condição de pesquisadores, com eles mesmos (LOPES e PONTUSCHKA, 2009, p.186).

A preparação dos alunos envolve planejamento, organização em grupos, pesquisa de material teórico, seleção do material encontrado, elaboração de grupos de discussão e registro dos questionamentos. Para a saída propriamente dita, o aluno deve estar com o olhar atento, preparado para encontrar as respostas às suas questões, preparado para fazer os registros necessários de forma rápida e eficiente, e ainda aberto a encontrar novos contextos bem diferentes dos que vivencia dentro da sala de aula.

Quanto ao professor, é preciso que ofereça aos seus alunos as ferramentas necessárias para que eles construam o seu próprio conhecimento, que possam fazer escolhas e que consigam reelaborar com suas palavras o novo conhecimento, aplicando-o a seu cotidiano. Se o aluno vai a campo sem qualquer informação ou sem uma questão de pesquisa, pode se comportar aleatoriamente, apenas observando aspectos do cotidiano. Por outro lado, se o professor previamente orientar o seu olhar, indicando o que deve observar e quais tarefas realizar, o resultado pode ser muito mais rico.

Além disso, o professor também participa do processo de aprendizagem quando constrói o seu conhecimento por meio da busca constante para aprimorar as suas práticas dentro e fora da sala de aula, e se esforça por aumentar em quantidade e qualidade as possibilidades de aprendizagem que oferece aos alunos. O professor também modifica seu processo de conhecimento quando trabalha em grupos e constrói parceria com os demais professores, com os alunos e com todos os envolvidos direta ou indiretamente na realização das atividades do estudo do meio. Segundo Padilha (2001),

[...] o educador deve aliar-se ao educando em sua atividade prática educativa no cotidiano da escola, desenvolvendo continuamente trabalho escolar, de forma que os vários elementos do processo ensino-aprendizagem se relacionem para que todos possam ensinar e aprender (PADILHA, 2001, p. 16).

Nas ações educativas cuja responsabilidade é continuamente partilhada entre professor e aluno é preciso sempre dizer muito e não o bastante; é preciso mostrar uma parte, mas não o todo, apenas uma ponta para motivar o

sujeito que aprende. É preciso colocá-lo em uma situação acessível e ao mesmo tempo difícil, para que ele possa dominá-la aos poucos e que tenha o sentimento de que pode conseguir, desde que inicie sua ação.

Se o papel do professor é fazer com que nasça o desejo de aprender, sua tarefa é 'criar o enigma' ou, mais exatamente, fazer do saber um enigma: comentá-lo ou mostrá-lo suficientemente para que se entreveja seu interesse e sua riqueza, mas calar-se a tempo para suscitar a vontade de desvendá-lo (MEIRIEU, 1998, p. 92).

Nesse aspecto, as experiências educativas construídas por Freinet nas aulas-passeio tornam-se atuais e contribuem para atribuir novos sentidos aos processos de aprendizagem dos alunos. Para Lopes e Pontuschka (2009),

Ao romper as fronteiras dos territórios institucionalizados de aprendizagem – a sala de aula e a escola –, a pesquisa de campo permite a ampliação desse território levando, ao mesmo tempo, a “a sala de aula e a escola” para o mundo – um lugar ou situação mais específica ou particular deste mundo para ser pesquisado e estudado –, e o mundo – mais real ou concreto –, para dentro da sala de aula e da escola (LOPES e PONTUSCHKA, 2009, p. 187).

De acordo com Meirieu (1998), o ofício de ensinar requer um esforço permanente de elucidação e de retificação das representações da aprendizagem. Segundo o autor, muitos alunos consideram fáceis as questões complicadas e vivas, e se aborrecem ou se veem em dificuldade diante daquelas belas questões simples, nas quais são manipuladas leis gerais, definições abstratas e grandes categorias intelectuais muito distanciadas de qualquer experiência. O processo de aprendizagem é construído pelo sujeito de maneira muitas vezes inesperada e é comum que o aluno possa compreender e reter o mais complicado antes de ter compreendido e retido o mais simples. Nesse contexto, vale lembrar que uma situação problema põe o sujeito da aprendizagem em ação, coloca-o em uma interação ativa entre a realidade e seus projetos, interação que se desestabiliza e reestabiliza em função das variações introduzidas pelo educador e de suas representações sucessivas. E é nessa interação que se constrói, muitas vezes irracionalmente, a racionalidade (MEIRIEU, 1998, p. 61-63)

2.2: ATRIBUIÇÕES DO PROFESSOR E DO ALUNO NO ESTUDO DO MEIO

O estudo do meio, entendido como procedimento de ensino, deve oferecer condições para que o aluno participe ativamente do processo de aprendizagem como agente construtor, investigativo e corresponsável pelo seu desenvolvimento.

Segundo Coll (1994), uma aprendizagem torna-se significativa se o objeto de estudo relaciona-se de forma substantiva com o que o aluno já sabe, se ele tem a possibilidade de relacionar o novo com os conhecimentos já construídos, e uma atitude favorável para aprender, ou seja, se ele está motivado para relacionar os conhecimentos, o que aprende com o que já sabe.

Portanto, é fundamental que o aluno participe do planejamento e da elaboração do estudo do meio. Ele precisa ter a possibilidade de direcionar seu olhar para objetos de interesse para sua investigação e, na saída para o campo, deve empregar diferentes recursos para realizar seus registros. Deve ser capaz de utilizar máquina fotográfica, filmadora, gravador de áudio, bloco de notas, entre outros; e deve estar preparado para realizar entrevistas, aplicar questionários, conversar e anotar. Dessa forma, deve analisar a realidade em seus diferentes aspectos e aprofundar seu conhecimento.

Outro aspecto importante, em relação às aprendizagens do aluno, refere-se à possibilidade de desenvolvimento das relações interpessoais em situações e locais diferentes do cotidiano escolar. É possível observar que os alunos que se destacam por suas habilidades cognitivas no ambiente escolar, muitas vezes enfrentam dificuldades no ambiente extraclasse e, por outro lado, aqueles que habitualmente apresentam dificuldades nos resultados acadêmicos, revelam desenvoltura, interesse e participação qualificada nas situações extraclasse do estudo do meio.

Assim, é preciso conhecer, de forma mais ampla, as possibilidades de aprendizagem relacionadas ao protagonismo dos alunos nas situações propiciadas pelos estudos do meio. E, por decorrência, oferecer condições para a formação continuada dos professores, para que possam auxiliar os alunos a obter melhores resultados na aprendizagem.

Nesse sentido, o papel do professor como indutor das ações a serem realizadas adquire uma importância muito maior. Segundo CARLINI (2013), o professor

[...] deve estimular o envolvimento e a participação de seus colegas, dos alunos e familiares e da equipe escolar. Será necessário garantir a adesão de todos, por meio da mais ampla compreensão dos objetivos de ensino, para viabilizar o sucesso do procedimento (CARLINI, 2013, p. 51).

Para que isso ocorra, ele deve estar preparado para realizar um conjunto de tarefas, que compõem as suas atribuições e que devem promover:

- o planejamento do estudo, elaborando os recursos necessários para que os objetivos de ensino a serem atingidos estejam de acordo com os procedimentos de investigação que serão realizados.
- uma proximidade com os alunos durante a realização do estudo, em campo, de forma a auxiliar, de acordo com as necessidades observadas, o direcionamento e a atenção do olhar; os registros, em diferentes formatos e mídias; a elaboração de questões; o envolvimento e a participação ativa.
- o trabalho dos alunos após a saída de estudo para organizar e divulgar os resultados, auxiliando o trabalho individual e em grupos, a fim de elaborar e produzir o material de divulgação e compartilhar as experiência e os conhecimento construídos.
- o aprimoramento do processo do estudo do meio por meio de avaliações que permitam aos alunos e aos professores reconhecerem e refletirem sobre os pontos fortes e fracos relacionados aos objetivos de aprendizagem, e elencar possibilidades de melhora do trabalho individual e do grupo.

Ainda segundo Carlini (2013),

Em síntese, eles [os professores] têm a responsabilidade de desencadear, orientar, coordenar todo o processo, desde o planejamento, a execução, a divulgação e a avaliação, em relação direta com os alunos e seus familiares, a equipe escolar e o ambiente, natural ou social, tornado objeto de estudo (CARLINI, 2013, p. 52).

E, neste ponto, vale retomar a afirmação de Anastasiou (2004), que considera que empregar diferentes procedimentos de ensino pode não ser fácil para os professores, em especial, para aqueles que têm reiterado velhas práticas de ensino ao longo do tempo, mas assim como acontece com os alunos, “quando o professor é desafiado a atuar numa nova visão em relação ao processo de ensino e de aprendizagem”, ele descortina novas possibilidades (ANASTASIOU, 2004, p. 71).

No entanto, esse trabalho requer uma série de conhecimentos e de habilidades que nem sempre estão disponíveis ao professor. E isto significa que ele precisa ser preparado, em processos de formação continuada participativos, de forma a desempenhar com convicção e qualidade o seu papel docente, comprometido e participativo, nas ações de estudo do meio.

CAPITULO 3

METODOLOGIA DE PESQUISA E PROPOSTA DE FORMAÇÃO

INTRODUÇÃO

Este capítulo está dividido em dois subtítulos: no primeiro, descreve os procedimentos da pesquisa bibliográfica e, no segundo, apresenta uma proposta de formação, que busca aprimorar o trabalho dos professores, fomentar seu envolvimento nos projetos e ajudá-los a proporcionar aos alunos as condições para aproveitar todas as possibilidades de aprendizagem que essa metodologia de ensino pode propiciar.

3.1 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

As questões que desencadearam a elaboração desta investigação levam à busca das possibilidades educativas oferecidas pelos estudos do meio, como trabalho pedagógico interdisciplinar, indagando: que formação o professor deve receber para trabalhar com estudo do meio? Que aspectos essa formação deve contemplar? Como o coordenador pedagógico pode promover a unidade de ensino, em sua instituição, levando em conta a pluralidade da formação de seus professores?

Essas questões determinaram a definição do objetivo geral: Elaborar uma proposta de formação para o professor do ensino fundamental 2 e médio para atuar de forma qualificada em projetos de estudo do meio, considerando a necessidade de formação desse professor e os objetivos de aprendizagem dos alunos. E os objetivos específicos:

- Caracterizar estudos do meio.
- Enumerar as possibilidades de aprendizagem dos alunos a serem realizadas no contexto dos estudos do meio.
- Identificar as necessidades de formação do professor que trabalha com estudos do meio.

- Elaborar uma proposta de formação para professores sobre estudos do meio e aprendizagem dos alunos.

No intuito de atingir os objetivos propostos, foi realizada uma pesquisa qualitativa, apoiada em necessária revisão da bibliografia, que fundamentou a reflexão sobre uma experiência profissional construída ao longo de anos de trabalho com estudo do meio, no papel de coordenador pedagógico de uma escola particular bilíngue. Segundo Lüdke (2011),

A pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes (LÜDKE, 2011, p. 13).

O estudo teórico somado à reflexão sobre a prática, entendida como um novo olhar para as experiências realizadas, no sentido de entender como as decisões foram tomadas, os imprevistos enfrentados, além de identificar aspectos que devem ser alterados na ação, reuniram os elementos necessários para elaborar uma proposta de formação continuada, com o objetivo de fornecer subsídios teóricos e práticos para fundamentar a ação e estimular a participação dos professores especialistas nos estudos do meio.

A pesquisa bibliográfica permitiu organizar conceitos como: estudo do meio, papel do professor, aprendizagem, interdisciplinaridade, entre outros, sistematizados e apresentados nos capítulos 1 - Estudo do meio - aspectos históricos e pedagógicos e 2 - Estudo do meio - condições de aprendizagem. Esses conceitos constituíram a base teórica necessária ao processo de reflexão sobre as práticas realizadas e auxiliaram a elaboração da proposta de formação continuada.

3.2 PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA

A formação continuada cumpre o papel de articular teoria e prática no contexto da profissão docente. Segundo Imbernón (2011), uma de suas funções é “questionar ou legitimar o conhecimento profissional posto em prática.” (IMBERNÓN, 2011, p. 61) Para o autor,

A formação permanente tem o papel de descobrir a teoria para ordená-la, fundamentá-la, revisá-la e combatê-la, se for preciso. Seu objetivo é remover o sentido pedagógico comum, para recompor o equilíbrio entre os esquemas práticos e os esquemas teóricos que sustentam a prática educativa. (IMBERNÓN, 2011, p. 61).

Ao integrar processos de formação continuada, que promovam o seu desenvolvimento profissional, o professor se sente estimulado a melhorar sua prática, revendo convicções e conhecimentos acumulados, com o objetivo de qualificar a sua atuação docente. Portanto, ele se torna capaz de desencadear processos de aprendizagem mais interessante para os seus alunos.

Torna-se importante ressaltar que a formação continuada do professor não está apenas na busca pelo conhecimento científico, mas também na auto realização pessoal, pois o profissional que trabalha com uma maior disposição e dedicação diante daquilo que desenvolve terá sempre um maior incentivo para procurar novas técnicas e desenvolver o seu trabalho docente sempre de maneira inovadora (MILEO e KOGUT, 2009, p. 4948).

Historicamente, a formação continuada dos professores tem sido uma tarefa enfrentada pelos gestores escolares, com maior ou menor grau de prazer, compromisso e dificuldade. Da mesma forma, é possível pensar em diversas ações a serem empregadas para formar o professor, de maneira que ele possa se sentir motivado a engajar-se nos projetos. Em geral, o medo do fracasso, da exposição pública de seu trabalho, para os colegas e demais membros da comunidade escolar, e a perspectiva de aumento do trabalho têm sido fatores que inibem o envolvimento dos professores nos projetos escolares. Por outro lado, quando o professor se sente apoiado, valorizado em suas ideias e recebe manifestações positivas pelos resultados de seu trabalho, é capaz de ir muito além das expectativas iniciais e envolver-se de tal forma que consegue motivar a todos a sua volta.

Nesse sentido, Nóvoa (2009) é bastante claro, quando pontua cinco recomendações à formação continuada de professores, afirmando que:

1. “A formação de professores deve assumir uma forte componente praxica, centrada na aprendizagem dos alunos e no estudo de casos concretos, tendo como referência o trabalho escolar.” (P1 - Práticas)

2. “A formação de professores deve passar para “dentro” da profissão, isto é, deve basear-se na aquisição de uma cultura profissional, concedendo aos professores mais experientes um papel central na formação dos mais jovens.” (P2 - Profissão)
3. “A formação de professores deve dedicar uma atenção especial às dimensões da profissão docente, trabalhando essa capacidade de relação e de comunicação que define o tacto pedagógico.” (P3 - Pessoa)
4. “A formação de professores deve valorizar o trabalho em equipa e o exercício colectivo da profissão, reforçando a importância dos projectos educativos da escola.” (P4 - Partilha)
5. “A formação de professores deve ser marcada por um princípio de responsabilidade social, favorecendo a comunicação pública e a participação profissional no espaço público da educação.” (P5 - Público) (NÓVOA, 2009)

Em outras palavras, Imbernón (2011) também enumera as condições necessárias à realização de processos de formação continuada de professores no interior da escola e afirma que

Na formação centrada na escola, a formação de professores converte-se em um processo de autodeterminação baseado no diálogo, na medida em que se implanta um tipo de compreensão compartilhada pelos participantes, sobre as tarefas profissionais e os meios para melhorá-las, e não um conjunto de papéis e funções que são aprimorados mediante normas e regras distantes (IMBERNÓN, 2011, p. 91).

Diante dessas orientações, esta proposta de formação continuada se compromete inicialmente em buscar formas simples e eficazes para realizar a formação, relacionadas ao protagonismo do professor, que no seu decorrer terá condições de participar ativamente da construção de situações de aprendizagem voltadas para o seu aluno, que se responsabilizará, na parceria professor-aluno, pela construção de seu conhecimento.

Desse modo, o objetivo é auxiliar o professor a construir, com o aluno e a partir do seu conhecimento, caminhos que o levem a apropriar-se da realidade fora da sala de aula, constatando que ele é parte importante do mundo que o cerca. Trabalhando desta forma, o professor poderá oferecer ao aluno as condições para a tomada de consciência acerca de seu papel em

relação à sua aprendizagem, ao seu destino e ao da sociedade em que se insere.

Com base nesses pressupostos, apresento a seguir a proposta de formação continuada para professores do ensino fundamental 2 e médio, organizada em 15 encontros presenciais, distribuídos em 7 etapas de trabalho, cada uma delas com objetivos específicos orientados pelo objetivo geral da formação.

Tema: Estudo do meio: teoria e prática

Público alvo: professores do ensino fundamental 2 e médio

Duração: 30 horas, distribuídas em quinze encontros presenciais semanais.

Objetivo geral: fornecer subsídios teóricos e práticos para fundamentar a ação e estimular a participação dos professores especialistas nos estudos do meio.

Quadro 3: Síntese das etapas e temas dos encontros da formação

Etapas	Encontros
1. Compreensão	<ul style="list-style-type: none"> • Aprender • Estudo do meio
2. Planejamento	<ul style="list-style-type: none"> • Como planejar? • Como estimular a participação? • Como intervir? • Direcionar o olhar • Preparação para a saída
3. A saída na prática	<ul style="list-style-type: none"> • Saída para campo
4. Reflexão	<ul style="list-style-type: none"> • Reflexão sobre os resultados da aprendizagem • Reflexão sobre os registros docentes • Síntese parcial
5. Transformação	<ul style="list-style-type: none"> • Revisão das decisões
6. Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Instrumentos de avaliação
7. Produtos	<ul style="list-style-type: none"> • Projetando estudos do meio • Compartilhando estudos do meio

Cada professor, ao longo da formação deverá fazer registros individuais e coletivos, se necessários, em um suporte físico ou digital (caderno, bloco de notas, *notebook*, *tablet*) a sua escolha, que será denominado “Diário de Formação”. A leitura desses registros sistemáticos, além de constituir memória das atividades realizadas, deverá dar suporte aos processos de auto avaliação, de avaliação do grupo e de avaliação da formação.

Na sequência, estão detalhados os temas e objetivos de formação das etapas de trabalho propostas, bem como os objetivos específicos e as atividades previstas para cada um dos temas da formação.

Etapa 1 - Compreensão (dois encontros)

Nesta primeira etapa do trabalho de formação, os professores serão convidados a refletir individual e coletivamente sobre conceitos que darão suporte ao trabalho com estudos do meio, em particular: aprender e estudo do meio, propriamente dito.

Encontro 1 - Aprender

Objetivos: refletir e compartilhar ideias relativas às condições de aprendizado dos alunos, considerando o seu protagonismo.

Recursos: Questões projetadas em tela: Que é aprender? O aluno pode ser responsável pelo seu processo de aprendizagem? Qual o grau de responsabilidade que ele pode assumir sobre esse processo?

Atividades: Os professores devem registrar suas respostas em seu Diário de Formação e, posteriormente, em pequenos grupos, elaborar um registro comum. Esse registro dos grupos, como síntese provisória desse processo de reflexão, deve ser compartilhado com os demais participantes da formação, em discussão coletiva.

Encontro 2 - Estudo do meio

Objetivos: refletir sobre as possibilidades proporcionadas pelo estudo do meio, para a construção do aprendizado, relacionando diferentes meios com diferentes objetivos de aprendizagem e práticas pedagógicas.

Recursos: Apresentação de imagens de cenários urbanos e rurais, com diferentes condições econômicas e sociais.

Atividades: Os professores devem analisar as imagens, procurando relacioná-las inicialmente com os conteúdos de ensino com os quais cada um deles trabalha no ensino fundamental e médio. Em seguida, devem estabelecer relações entre as imagens e os conteúdos trabalhados por seus colegas, ampliando o repertório de relações disponíveis.

Para finalizar a atividade, devem registrar, em seu Diário de Formação, a resposta à questão: O que eu e meus alunos podemos aprender em espaços externos à escola?

Referências teóricas da etapa:

LOPES, D. E. **História dos estudos do meio**: um estudo sobre práticas extramuros da escola em São Paulo. Dissertação (Mestrado). São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2014.

LÜCK, H. **Pedagogia Interdisciplinar** - Fundamentos teórico-metodológicos. 13ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

Etapa 2 – Planejamento (cinco encontros)

Nesta etapa do trabalho de formação, os professores serão convidados inicialmente a estudar a teoria do planejamento e a trabalhar, individual e coletivamente, nas etapas de planejamento que darão suporte ao trabalho com os estudos do meio.

Encontro 3- Como planejar?

Objetivos: Selecionar temas e espaços ou lugares a serem estudados que possibilitem tornar o aprendizado de sua disciplina mais significativo para os alunos, envolvendo o maior número possível de disciplinas.

Recursos: texto “Estudo do meio: teoria e prática”, de Lopes e Pontuschka.

Atividades: Os professores devem inicialmente escrever suas ideias em fichas individuais e posteriormente reunir-se em pequenos grupos de discussão. Em seguida compartilham com os demais grupos.

Encontro 4- Como estimular a participação?

Objetivos: Pesquisar e sugerir material teórico – textos, filmes, documentários, que possam estimular os alunos a pesquisar sobre os temas sugeridos pelos professores.

Recursos: Os professores utilizam seus *tablets*, *notebooks*, aparelhos de telefone celular e computadores para realizar uma busca e sugerir o material teórico necessário.

Atividades: Os professores organizam um painel com as ideias, e esse material deve ser guardado para uso nos próximos encontros.

Encontro 5- Como intervir?

Objetivos: Indicar as formas pelas quais os alunos podem intervir significativamente na realidade. Elaborar propostas relacionadas a benfeitorias, ajuda às pessoas ou animais, ou à mobilização de apoio e desenvolvimento local.

Recursos: Análise conjunta de páginas da internet, que apresentem possibilidades didáticas de intervenção no meio, como abaixo-assinados, movimentos de engajamento de estudantes, atividades de organizações não governamentais, sociedade amigos de bairro, entre outras.

Atividades: Os professores organizam um painel com as ideias coletadas, que será utilizado nos próximos encontros.

Encontro 6 – Direcionar o olhar

Objetivos: Elaborar questões ou atividades que direcionem o olhar do aluno para aspectos importantes da construção de seu aprendizado.

Recursos: Filme “The Potter” (8 min) – Aprendendo a Aprender. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=PLPk5va1ygg>>. Acesso em 15set15.

Atividades: Os professores devem sugerir diferentes tipos de registro, como fotos, vídeos, entrevistas e outros relacionados ao objeto de estudo.

Neste momento de formação, os professores devem sugerir estas questões ou atividades, mas devem ter em conta que os alunos é que devem elaborar estas propostas, mesmo que seja de uma forma bem ampla e que o professor ajude a selecionar o mais importante. Montar um painel de sugestões semelhante ao elaborado no encontro 4.

Encontro 7 - Preparação para a saída

Objetivos: Preparar uma proposta de saída de estudo do meio a ser realizada pelos professores

Recursos: Elaborar um quadro geral com as possibilidades de temas e eixos de estudo.

Atividades: Até este momento cada professor ou pequeno grupo de professores trabalhou em uma proposta diferente. Neste momento, elas devem ser compartilhadas e apenas uma delas será escolhida para a realização. O

critério de seleção das propostas deve considerar: o maior número de disciplinas e conteúdos envolvidos e a possibilidade de ser realizada pelo grupo de estudo.

Referências teóricas da etapa:

LOPES, C. S.; PONTUSCHKA, N. N. Estudo do meio: teoria e prática. **Geografia** (Londrina) v. 18, n. 2, 2009. Disponível em <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/>>.

MESQUITA, R. C. **Integração Curricular e Estudo do Meio**. São Paulo, PUCSP. Mestrado em Educação: Currículo, 2011.

PADILHA, P. R. **Planejamento Dialógico**: Como construir o projeto político-pedagógico da escola. Guia da escola cidadã. Instituto Paulo Freire. São Paulo, Editora Cortez, 8ª ed., 2001.

Etapa 3 - A saída na prática (um encontro)

Nesta etapa do trabalho de formação, os professores serão convidados a participar ativamente de uma saída de estudo do meio no papel de aprendizes (alunos).

Encontro 8 – Saída para campo

Objetivos: No papel de aluno, o professor deve participar de uma saída de estudo do meio.

Recursos: Uma saída para estudo do meio, com todos os passos de uma saída real, realizada por alunos, deve estar preparada, como experiência de aprendizagem para os professores participantes da formação.

Atividades: O professor deverá seguir as instruções do guia e realizar as atividades sugeridas, fazendo dois tipos de anotação em seu Diário de Formação: uma delas, de acordo com o papel de aluno em processo de aprendizagem; e outra, como educador, registrando as possibilidades identificadas e as sugestões, para posterior reflexão e aperfeiçoamento da ação.

Referências teóricas da etapa:

LESTINGE, S. e SORRENTINO, M. As contribuições a partir do olhar atento: Estudos do Meio e a Educação para a vida. **Ciência & Educação** (Bauru), Bauru, v. 14, n. 3, p. 601-19, 2008. Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132008000300015&lng=pt&nrm=iso>.

SÃO PAULO. **Patrimônios, Expressões e Produções**: Subsídios para desenvolvimento de projetos didáticos de 5^a, 6^a, 7^a e 8^a séries do Ensino Fundamental. Governo do Estado de São Paulo e Fundação para o Desenvolvimento da Educação – FDE. São Paulo, 2008.

Etapa 4 – Reflexão (três encontros)

Nesta etapa do trabalho de formação, os professores serão convidados a refletir individual e coletivamente sobre a experiência vivenciada na saída de campo e a registrar como essa experiência pode se relacionar com os objetivos de aprendizagem.

Encontro 9 – Reflexão sobre os resultados de aprendizagem

Objetivos: Refletir sobre a experiência de estudo do meio, sob a perspectiva do aluno.

Recursos: Registros individuais realizados no Diário de Formação, em relação ao papel de aluno em processo de aprendizagem.

Atividades: Os professores apresentam e discutem as aprendizagens possibilitadas pela experiência realizada e elaboram uma lista de aspectos positivos e negativos observados, sob a perspectiva do aluno.

Encontro 10 – Reflexão sobre os registros docentes

Objetivos: Refletir sobre a experiência de estudo do meio, sob a perspectiva do professor.

Recursos: Registros individuais no Diário de Formação, em relação a possibilidades e sugestões.

Atividades: Os professores compartilham os registros feitos no Diário de Formação e discutem as possibilidades identificadas e as sugestões para aprimorar as atividades realizadas, segundo os objetivos dos professores.

Encontro 11 – Síntese parcial

Objetivos: Tornar visível por meio de registros o aprendizado realizado pelos professores durante o estudo do meio realizado.

Recursos: Papéis autocolantes (*Post it*) para registro de observações e sugestões, segundo as cores:

- Rosa - pontos positivos observados na saída de estudo.
- Amarelo - pontos que podem ser melhorados.
- Verde - sugestões a serem implementadas.

Atividades: Elaborar síntese e conclusões sobre o aprendizado realizado na saída de estudo. Relacionar esse material com os objetivos de aprendizagem

Referências teóricas da etapa:

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra 1996.

IMBERNÓN, F. **A educação no século XXI** – Os desafios do futuro imediato. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 2000.

Etapa 5 - Transformação (um encontro)

Nesta etapa do trabalho de formação, os professores devem discutir a experiência realizada e identificar as condições necessárias para aprimorar o trabalho de estudo do meio.

Encontro 12 – Revisão das decisões

Objetivos: Rever, reavaliar e reformular a proposta de estudo do meio elaborada no Encontro 7.

Recursos: Registros escritos feitos nos encontros anteriores e na saída de estudo do meio realizada pelos professores.

Atividades: Os professores, baseados nas reflexões, reelaboram o seu planejamento da saída de estudo e apresentam uma nova proposta.

Referências teóricas da etapa:

LESTINGE, S. e SORRENTINO, M. As contribuições a partir do olhar atento: Estudos do Meio e a Educação para a vida. **Ciência & Educação** (Bauru), Bauru, v. 14, n. 3, p. 601-19, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132008000300015&lng=pt&nrm=iso>.

Etapa 6 – Avaliação (um encontro)

Nesta etapa do trabalho de formação, os professores serão convidados a refletir individual e coletivamente sobre a avaliação, entendida como ferramenta de aprimoramento e direcionamento do trabalho. Deverão discutir maneiras de evitar que a avaliação seja direcionada para aprovar ou reprovar o trabalho realizado ou de classificar a participação dos alunos

Encontro 13 – Instrumentos de avaliação

Objetivos: Pesquisar e sugerir maneiras de avaliar o trabalho pedagógico e a aprendizagem no estudo do meio.

Recursos: Compartilhar um texto ou atividade que trabalhe com rubricas.

Atividades: Discutir as possibilidades de uso da avaliação e os itens que devem ser avaliados em uma saída de estudo do meio. A avaliação deve ser considerada como um instrumento para construir o aprendizado. É preciso levar em conta os seguintes aspectos: avaliar antes, avaliar durante, avaliar depois e auto avaliar. Elencar os aspectos que devem ser avaliados pelos professores e os aspectos que podem e devem ser avaliados pelos alunos.

Referências teóricas da etapa:

CORDEIRO, J. A Avaliação: resultados e orientações do ensino e da aprendizagem. In: CORDEIRO, J. **Didática**. São Paulo: Contexto, 2007.

Etapa 7 – Produto final (dois encontros)

Nesta etapa final do trabalho de formação, os professores deverão discutir as possibilidades e elaborar um produto de suas reflexões, discussões, experiências e registros.

Encontro 14 – Projetando estudos do meio

Objetivos: Preparar um produto final que expresse as aprendizagens realizadas ao longo dos encontros anteriores.

Recursos: Dispor a sala de reunião em círculo e eleger um representante que, no meio desse círculo, escreva em cartolinas e organize as possibilidades sugeridas.

Atividades: Discutir as possibilidades de produto final com o material coletado e estudado ao longo do processo e elaborar esse produto final.

Encontro 15 – Compartilhando estudos do meio

Objetivos: Refletir sobre o percurso percorrido ao longo dos 15 encontros, apresentar o Projeto Final e propor novas possibilidades de trabalho a partir do conhecimento adquirido.

Recursos: Um computador com projetor e impressora.

Atividades: Apresentação do produto final do projeto, conclusões e encerramento.

Referências teóricas da etapa:

ABDALLA, R. P. A prática interdisciplinar de um estudo do meio que utiliza as novas tecnologias como espaço de construção coletiva de produções. São Paulo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa demonstrou que o estudo do meio, presente na realidade educacional há mais de um século e, muitas vezes, pouco valorizado pelos profissionais de educação, pelos estudantes e por seus familiares, pode ser uma prática pedagógica extremamente relevante para desencadear novos e complexos processos de ensino e de aprendizagem no aluno e no professor, porque além de promover descobertas e a busca de novos conhecimentos ele permite observar e interagir em espaços diferenciados, externos à sala de aula e à escola, valorizando a formação integral de cada participante.

Demonstrou também que o processo de aprendizagem do professor, tanto no contexto da formação continuada, quanto no processo de planejamento, execução e avaliação de um estudo do meio, pode ser significativo e inovador, em especial, quando ele tem a possibilidade de assumir o papel de estudante e, em grupo com outros professores, construir uma nova situação de aprendizagem para seus alunos.

Também é possível observar que o fato de se envolver em uma atividade de estudo do meio possibilita o desenvolvimento de diferentes habilidades e competências, tanto para professores como para alunos, bem como requer o trabalho em equipe, o que estimula a valorização de aspectos interpessoais, que são muito importantes quando se busca realizar uma educação sintonizada com as demandas e a realidade do século XXI.

A participação e o envolvimento são fundamentais. No estudo do meio, os diferentes aspectos dos conteúdos de ensino se fundem e propiciam a construção de novos significados. As partes, juntas, formam um todo muito maior. Os objetivos, os temas, a teoria, perdem suas características individuais e, contextualizadas, assumem um papel engrandecedor de todos os participantes da atividade. Prática e teoria estão presentes, mas devem ser relacionadas pela mediação atenta do professor, para que os conhecimentos sejam construídos de modo efetivo, contribuindo para a qualificação dos processos de ensino e de aprendizagem.

É importante observar também, no estudo do meio, a característica de cada uma das atividades que o compõem: aquelas que o antecedem; as que ocorrem durante a sua execução; e as que se realizam depois da saída a campo. Portanto, trata-se de projetos complexos e desafiadores, mas importantes em diversos aspectos, pois auxiliam no desenvolvimento da curiosidade, do olhar atento, da contemplação, das interações, do senso crítico, no descobrimento de algo novo, no prazer de aprender.

Além disso, o estudo do meio oferece a possibilidade de contínua revisão e aprimoramento de seus processos. Na prática, cada saída é única e traz consigo sempre algo novo. Na teoria, ele demanda estudo e pesquisa, que continuamente possibilitam o desenvolvimento das práticas pedagógicas necessárias para que o ensino promova a aprendizagem e esta, por sua vez, o desenvolvimento contínuo de alunos e de professores. Neste ponto, vale ressaltar a importância dos estudos realizados no contexto das disciplinas e das atividades acadêmicas proporcionadas pelo mestrado profissional em educação: formação de formadores.

As possibilidades de aprimoramento estendem-se ainda à necessidade de realização de novos estudos sobre os estudos do meio, considerando aspectos que não foram atingidos neste trabalho, sobretudo pela possibilidade infinita dos contextos em que eles podem ser inseridos e analisados.

A realização de estudos do meio deve ser estimulada apesar de todas as dificuldades enfrentadas pelas instituições de ensino. É uma prática pedagógica que requer responsabilidade, dinamismo e entusiasmo. Mas é uma prática que possibilita o encantamento pelo aprender. Os ganhos são imensuráveis. Relembrando as palavras de Rudolf Steiner,

Ao conhecer o mundo, o ser humano encontra a si próprio e, conhecendo a si próprio, o mundo se revela a ele. (STEINER, s/d.)

REFERÊNCIAS

ABDALLA, R. P. **A prática interdisciplinar de um estudo do meio que utiliza as novas tecnologias como espaço de construção coletiva de produções**. São Paulo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.

ALVES, D. F. F. **Manuais Escolares de Estudo do Meio, Educação CTS e Pensamento Crítico**. Aveiro- Portugal, Universidade de Aveiro – Departamento de Didactica e Tecnologia Educativa, Dissertação de Mestrado em Educação, 2005. Disponível em <<https://oatd.org/oatd/record?record=handle%5C%3A10773%5C%2F4998>> Acesso em 21ago2015.

ANASTASIOU, L. das G. C.; ALVES, L.P. **Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. 5ª. ed. Joinville, SC: Univille, 2004.

BALZAN, N. Estudo do Meio. In: PARRA, Nélio (org.) **Didática para a escola de 1º e 2º Graus**. São Paulo, Pioneira, 1974.

BOSCOLO, D. **Projetos de estudo do meio em escolas públicas em Santana de Parnaíba - SP**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP. São Paulo, 2007. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-18102007-154606/pt-br.php>> Acesso em 21ago2015.

BRASIL. Ministério da Educação, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Mapa do Analfabetismo no Brasil**. Brasília, DF: MEC, 2003.

CAMPOS, S. **História, memória e identidade do Projeto Educativo de Integração social** - PEIS: Princípios para um novo paradigma em política pública para Educação de Jovens e Adultos e formação dos educadores. Campinas, UNICAMP, Faculdade de Educação (Tese de Doutorado), 2004.

CARLINI, A. L. Procedimentos de ensino: escolher e decidir. In: SCARPATO, M. (org.) **Os procedimentos de ensino fazem a aula acontecer**. 2ª ed. São Paulo: Avercamp, 2013.

CEBALLOS, G. C. **Yo puedo aprender**. México: Loma, 1989.

CHAPANI, D. T., CAVASSAN, O. O estudo do meio como estratégia para o ensino de ciências e educação ambiental. **Mimesis**, Bauru, v. 18, n. 1, p. 19-39, 1997.

COLL, C. **Aprendizagem e construção do conhecimento**. Trad. Emília de Oliveira Dihel. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

CORDEIRO, J. **Didática**. São Paulo: Contexto, 2007.

CUNHA, M. V. **John Dewey: uma filosofia para educadores em sala de aula**. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

DELORS, J. **Educação: Um tesouro a descobrir**. 3ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 1999.

DURANTE, M. **Alfabetização de adultos: leitura e produção de textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FAUSTINO, E. **Didática em Educação Personalizada: Anotações a partir de um estudo de José Bernardo Carrasco**. São Paulo: ISEP, 2007.

FELTRAN, R. C. de S.; FELTRAN FILHO, A. Estudo do Meio. In: VEIGA, I. de P. de A. (Org.). **Técnicas de ensino: Por que não?** Campinas, SP: Papyrus, 1991.

FERNANDES, A. T. de. Estudo do meio na formação continuada do(a) professor(a) de História. **Nuances: Estudos sobre Educação**, Vol 7, Iss 7, 2009. Disponível em <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/137>> Acesso em 21ago2015.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

IMBERNÓN, F. **A educação no século XXI** – Os desafios do futuro imediato. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 2000.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional** - formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez, 2011.

LESTINGE, S. e SORRENTINO, M. As contribuições a partir do olhar atento: Estudos do Meio e a Educação para a vida. **Ciência & Educação** (Bauru), Bauru, v. 14, n. 3, p. 601-19, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132008000300015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 21ago2015.

LOPES, C. S.; PONTUSCHKA, N. N. Estudo do meio: teoria e prática. **Geografia** (Londrina) v. 18, n. 2, 2009. Disponível em <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/>>. Acesso em 23mar2015.

LOPES, D. E. **História dos estudos do meio**: um estudo sobre práticas extramuros da escola em São Paulo. Dissertação (Mestrado). São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2014.

LÜCK, H. **Pedagogia Interdisciplinar** - Fundamentos teórico-metodológicos. 13ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação**: Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. 13ª reimpressão, 2011.

MATEUS, M. do N. E. **O estudo do meio social como processo educativo de desenvolvimento local**. Tese de Doutorado. Bragança-Portugal, Instituto Politécnico de Bragança, 2008. Disponível em <<https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/619>> Acesso em 21ago2015.

MEIRIEU, P. **Aprender... Sim, mas como?** 7ª. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

MESQUITA, R. C. **Integração Curricular e Estudo do Meio**. São Paulo, PUCSP, Mestrado em Educação: Currículo. 2011.

MILEO, T. R.; KOGUT, M. C. A importância da formação continuada do professor de educação física e a influência prática pedagógica. **IX Congresso Nacional de Educação**, PUCPR, 2009.

NASCIMENTO, L. M. J. do. Estudo da realidade e tema gerador. In: **Cadernos de EJA**, nº. 2, Educação de Jovens e Adultos - uma perspectiva freiriana. São Paulo, Instituto Paulo Freire, 1999.

NÓVOA, A. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. In: **Revista de Educación**. Secretaria de Estado de Educación, Formación Profesional y Universidades. Ministerio de Educación, Política Social e Deporte. Gobierno de España. Nº 350. set/dez 2009. Disponível em: <<http://www.mecd.gob.es/dctm/revista-de-educacion/articulosre350/re35009por.pdf?documentId=0901e72b81234821>>. Acesso em 15set2015.

PADILHA, P. R. **Planejamento Dialógico**: Como construir o projeto político-pedagógico da escola. Guia da escola cidadã. Instituto Paulo Freire. São Paulo, Editora Cortez, 8ª ed., 2001.

PIRES, E. D. P. B. **O Estudo do Meio** - uma possibilidade metodológica na Educação de Jovens e Adultos. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, Itapetinga, BA. Disponível em <http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/Revista_EnniaDeboraPassosBraga.pdf> Acesso 05/02/2015.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.

RIBEIRO, V. M. **Alfabetismo e atitudes** – Pesquisa com jovens e adultos. São Paulo: Cortez, 1997.

RODRIGUEZ, V. e SOUZA; A. N. (Orgs.). **Educação e escolarização de jovens e adultos**. V1. Brasília, DF: MEC; IBEAC, 1997.

SAMPAIO, R. M. W. F. **Freinet**: evolução histórica e atualidades. São Paulo: Editora Scipione, 1989.

SÃO PAULO. **Patrimônios, Expressões e Produções**: Subsídios para desenvolvimento de projetos didáticos de 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries do Ensino

Fundamental. Governo do Estado de São Paulo e Fundação para o Desenvolvimento da Educação – FDE. São Paulo, 2008.

SCARPATO, M. As Técnicas Freinet. In: SCARPATO, M. (org.). **Os procedimentos de ensino fazem a aula acontecer**. São Paulo: Avercamp, 2013.

SEVERINO, A. J.; FAZENDA, I. C. A. (Orgs.). **Formação docente: rupturas e possibilidades**. Campinas: Papyrus, 2002.

SIMÕES, C. I. A. S. **Orientações curriculares para o estudo do meio no 1º ciclo do ensino básico**. Dissertação de Mestrado em Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, 2010. Disponível em <<http://www.rcaap.pt/detail.jsp?id=oai:null:10316/15529>>. Acesso em 21ago2015.

STEINER, R. **Escola Waldorf São Paulo**. Disponível em <<http://www.waldorf.com.br/ensinos/projetos-pedagogicos/86-parsifal4.html>> Acesso em 09/06/2015.

UGGI - Educação Ambiental. Disponível em <http://www.uggi.com.br> Acesso em 05/03/2015.

Infoescola. Disponível em <<http://www.infoescola.com/biografias/anaxagoras/>> Acesso em 19/05/2015

APENDICE 1

FORMULÁRIOS DE AVALIAÇÃO DO TRABALHO DE ESTUDO DO MEIO

1- ALUNO:

FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DO ESTUDO DO MEIO

Nome do projeto: _____

Nome do aluno: _____

Turma: _____

Duração: _____

Data: __/__/__

Antes da saída:

Você está preparado para esta saída de estudo do meio? Sim () Não ()

O professor fez uma preparação para esta saída de estudo do meio? Sim () Não ()

Se sim, esta preparação foi: Excelente () Boa () Ruim () Muito Ruim ()

O professor utilizou algum material para essa preparação? Sim () Não ()

Se sim, qual? _____

O que você espera aprender com este estudo do meio?

Após a saída:

O local escolhido é coerente (*tem relação*) com o que você está aprendendo? Sim () Não ()

A monitoria no espaço foi realizada por um guia local? Sim () Não ()

Se sim, esta monitoria foi: Excelente () Boa () Ruim () Muito Ruim ()

A participação dos guias da empresa organizadora foi:

Excelente () Boa () Ruim () Muito Ruim ()

A participação do professor _____ foi: Excelente () Boa () Ruim () Muito Ruim ()

A participação do professor _____ foi: Excelente () Boa () Ruim () Muito Ruim ()

A participação do professor _____ foi: Excelente () Boa () Ruim () Muito Ruim ()

O que você aprendeu de com este estudo do meio?

O que você ainda gostaria de aprender?

A sua participação como aluno durante a saída de estudo foi:

Excelente () Boa () Ruim () Muito Ruim ()

A sua atenção como aluno durante a saída de estudo foi:

Excelente () Boa () Ruim () Muito Ruim ()

Nesta saída de estudo você aprendeu:

Muito () Bastante () Pouco () Muito Pouco ()

Em um aproxima saída de estudo você deve se preparar:

Muito mais () Mais () O mesmo () Menos ()

A monitoria explicitou alguma metodologia de trabalho? Sim () Não ()

O andamento das atividades (cumprimento do cronograma) neste estudo do meio foi:

Excelente () Boa () Ruim () Muito Ruim ()

Registros foram feitos ao longo do trajeto? Sim () Não ()

Estudos do meio são apoiados dentro da escola? Sim () Não ()

Existe planejamento ou roteiro para o trabalho em campo? Sim () Não ()

Houve produção para o trabalho? Sim () Não ()

Quem foi responsável pela produção do estudo do meio? _____

Os educadores se apoiaram em algum autor? Sim () Não ()

Utilizaram alguma bibliografia específica? Sim () Não ()

Foram distribuídos materiais didáticos para o trabalho em campo? Sim () Não ()

A infraestrutura utilizada e necessária para este estudo do meio foi:

Excelente () Boa () Ruim () Muito Ruim ()

O estudo do meio teve uma proposta interdisciplinar? Sim () Não ()

O local escolhido é coerente ao projeto pedagógico e seus objetivos? Sim () Não ()

Foi utilizado algum material didático? Mapas? Guias? Sim () Não ()

Os alunos foram mobilizados? Sim () Não ()

Estimulou a pesquisa? Sim () Não ()

Os alunos levantaram dados? Sim () Não ()

Após o trabalho de campo houve algum exame / avaliação? Sim () Não ()

Após o trabalho de campo houve alguma produção?(Palestra, mural, vídeos, apresentações, etc.) Sim () Não ()

Houve alguma parceria para a elaboração dos produtos? (Sala de informática, docentes de outras disciplinas, outros projetos, etc.). Sim () Não ()

Essa parceria poderia ser aprimorada? Sim () Não ()

Sugestões e observações:

3- GUIA:

FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DO ESTUDO DO MEIO

Nome do projeto: _____

Nome do Guia: _____ Empresa: _____

Turma: _____

Duração: _____

Data: __ / __ / __

Os alunos estavam preparados para este estudo do meio? Sim () Não ()

Os alunos foram mobilizados? Sim () Não ()

Os alunos participaram ativamente? Sim () Não ()

Os alunos levantaram dados? Sim () Não ()

Após o trabalho de campo houve algum exame / avaliação? Sim () Não ()

O envolvimento dos alunos neste estudo do meio foi:

Excelente () Bom () Ruim () Muito Ruim ()

O envolvimento dos professores neste estudo do meio foi:

Excelente () Bom () Ruim () Muito Ruim ()

A preparação teórica dos alunos para este estudo do meio foi:

Excelente () Boa () Ruim () Muito Ruim ()

A preparação atitudinal dos alunos para este estudo do meio foi:

Excelente () Boa () Ruim () Muito Ruim ()

O respeito dos alunos para com as pessoas envolvidas neste estudo do meio foi:

Excelente () Bom () Ruim () Muito Ruim ()

O comportamento dos alunos neste estudo do meio foi:

Excelente () Bom () Ruim () Muito Ruim ()

O andamento das atividades (cumprimento do cronograma) neste estudo do meio foi:

Excelente () Bom () Ruim () Muito Ruim ()

Sugestões e observações:
